

# CRÔNICA CARNAVALESCA DA HISTÓRIA

Música Popular



Renato Vivacqua

## **Obras do Autor**

- Música Popular Brasileira (Histórias de sua Gente)  
Thesaurus Brasília 1984
  
- Música Popular Brasileira – Cantos e Encantos  
João Scortecci Editora – S.P. 1992

**Este livro é canto  
Aos meus encantos  
Mimi , Tata , Paulo e Dú**

## PALAVRAS PRÉ-CARNAVALESCAS

Se realizarmos um inventário da música carnavalesca desde os seus primórdios, observaremos que ela foi um verdadeiro almanaque musicado, um repositório de “**fait-divers**”, retratando com senso crítico apurado e de maneira espirituosa o dia a dia da História. Nenhum acontecimento digno de registro deixou de ser pinçado pelos argutos criadores de nosso cancionero popular: a política, as descobertas da ciência, as modas e modismos, os conflitos mundiais, as vicissitudes sociais, enfim um painel cronológico fotografado pelo talento de nossos compositores. Apesar de fascinante o tema parece, até hoje, não ter sensibilizado os estudiosos da MPB.

Este trabalho pretende resgatar parte deste manancial precioso, sem a veleidade de uma pesquisa definitiva. É apenas uma amostra da crônica carnavalesca como referencial histórico, em estilo leve, sem entediar o leitor, num passeio musical, que acredito dos mais atraentes. Observarão que ao contrário da maioria das obras que abordam o carnaval, que se preocupa em apenas listar os sucessos de cada ano, meu livro as catalogou de acordo com o tema. Algumas poucas vezes depararão onde não consta a data, o autor(es) ou o título. Isso decorre de descaso nas fontes, pois mesmo após rigorosas pesquisas, frustados, percebemos que dados preciosos nos escapam. Minhas desculpas. Outra explicação devida: especialistas consultados – do SAL (Serviço de Apoio Lingüístico da Universidade de Brasília) me orientaram a manter a grafia dos nomes próprios como seus titulares a usavam. Assim Ary Barroso e Walfrido Silva, por exemplo estarão escritos com **Y** e **W**.

**O Autor**

## ÍNDICE

Palavras pré-carnavalescas.

No compasso da política.

Abre alas...eles querem passar.

A ciência em marcha.

Batalhas sem confeti.

Folia na tela.

Final de Baile.

Bibliografia

## APRESENTAÇÃO

Acho que o carnaval acabou. Com o devido respeito e consideração aos entusiastas, os desfiles das Escolas de Samba, verdadeiros shows milionários feitos sob medida para o turismo, não guardam qualquer relação com a espontaneidade da festa de Momo. Belo espetáculo visual, feérica e profusamente coloridos não possuem, contudo, a simplicidade do verdadeiro espírito carnavalesco, participativo e popular. O sambista tem preocupação com o tempo, contagem de pontos, diversos quesitos a serem julgados por uma comissão, por sua vez, eleita pela mídia e, finalmente o compromisso um samba-(marcha?)-enredo do qual ninguém mais se lembra no dia seguinte, com as exceções de praxe. De lembrar o saudoso e ótimo poeta Sérgio Bittencourt: “Meu canto para ser um canto certo/vai ter que nascer liberto e morar no assobio/do alegre e do mais triste/só há canto quando existe muito tempo e muito espaço/prá canção ficar se eu passo/Ah! que bom se eu ouvisse o meu canto por aí...”. Dentro em breve teremos poltronas estofadas nos sambródomos e o povo – origem e objeto de tudo – ficará de fora assistindo pela televisão.

Digo tudo isso porque quando o meu amigo e companheiro de lutas e de letras Renato Vivacqua honrou-me com o pedido para fazer a “Comissão de frente” deste trabalho, pude constatar a crônica carnavalesca vista sob ótica nova, com os “adereços” da História. Dividido em várias e bem organizadas “alas”, vai o nosso autor-mestre-sala fazendo “evoluções” na crônica quotidiana, na gozação sadia, da blague espirituosa, na pesquisa inteligente da harmoniosa “bateria” de tantos autores e poetas que fizeram a música carnavalesca durante tantas décadas. Esta fórmula adotada pelo autor para o “desfile” das canções de Momo não apenas valoriza os “quesitos” como revela o agudo sentido de crítica dos nossos compositores, mestres de capelo e diploma no esgrima que era, outrora, a verve carioca, infelizmente em fase de extinção graças a uma realidade social no mínimo preocupante.

Não fosse por tudo isso, o livro de Renato diverte pela lembrança dos tempos bons do carnaval cujo “Último Clarim” foi “Bandeira branca”. Mostra, por outro lado, que há sempre um ângulo novo a ser explorado nesse imenso e riquíssimo manancial que é a Música Popular Brasileira, bastando que o pesquisador tenha a competência e o amor à pesquisa, que afinal nos move a todos que estamos neste barco, muitas vezes remando contra a correnteza.

É oportuno citar Chico Buarque: “A gente vai contra a corrente/até não poder resistir/na volta do barco é que sente/o quanto deixou de cumprir...”.

Renato Vivacqua incursionou pelo Carnaval – foram outros seus temas nos livros anteriores – e está voltando com o barco... mas não deixou de cumprir!

**Lauro Gomes de Araújo**

Sou um velho admirador da obra de Renato Vivacqua, cujas pesquisas ajudam a entender melhor a nossa música. Agora ele nos brinda com um verdadeiro achado: a História do país e do seu povo contada pela música popular brasileira num livro que diverte e educa.

O novo trabalho de Renato Vivacqua merece, sem dúvida os maiores elogios. Mas merece, sobretudo, a nossa gratidão.

**Sérgio Cabral**

**NO COMPASSO DA POLÍTICA**



A tradição brasileira diz que os requisitos para uma boa convivência são: não discutir futebol, religião e política. Os irreverentes compositores carnavalescos não respeitaram a máxima e sempre colocaram a política em suas agendas, divertindo-se com o tão peculiar comportamento de nossos homens públicos.

Eneida cita em sua “História do Carnaval Carioca” que 1879 o Clube Carnavalesco Democráticos já cantava:

*De manhã sou liberal  
Ao meio dia republicano  
À tarde conservador  
À noite ultramontano.*

No carnaval de 1909 o maestro Costa Júnior lançou, com enorme sucesso, sua composição “No Bico da Chaleira” ou “Pega na Chaleira”, uma gozação nos servis seguidores do prestigiado senador Pinheiro Machado, que viviam pelando os dedos no bico da chaleira de chimarrão, na ânsia de servir o chefe gaúcho: (1)

*Iaiá me deixa subir nesta ladeira  
Eu sou do bloco que pega na chaleira.*

Em 1946 a marcha de Roberto Martins e Frazão, “Cordão dos Puxa-saco” mostrava que os untuosos sobreviveram:

*Iaiá me deixa subir nesta ladeira  
Eu sou do bloco que pega na chaleira.  
Lá vem o cordão dos puxa-saco  
Dando viva aos seus maiores  
Quem está na frente é passado pra trás  
E o cordão dos puxa-saco cada vez aumenta mais.  
Vossa Excelência, Vossa Eminência  
Quanta reverência nos cordões eleitorais  
Mas se o doutor cai do galho e vai ao chão  
A turma toda “evolui” de opinião.  
E o cordão dos puxa-saco  
Cada vez aumenta mais.*

Por volta de 1911/1912, segundo Edigar de Alencar, pelas bandas do Ceará, antecedendo a queda dos Acyolis, espalhou-se a quadrinha musicada:

*Vamos a palácio arrancar à unha  
O velho Acyoli e o Carneiro da Cunha.  
Viva o Ceará! Viva, viva, viva!*

O marechal Hermes da Fonseca, andava na mira dos críticos, sendo muito combatido. Era farpa de todo lado. A fama de pé-frio ajudava. J. Bulhões não o poupou na polca “Oh Filomena!”

*Óh Filomena  
Se eu fosse como tu  
Tirava a urucubaca  
Da cabeça do Dudu  
Já subiu uma macaca  
Na careca do Dudu  
Por isso o coitadinho  
Ele tem urucubaca.*

Dudu era o apelido do marechal. O interessante é que a música foi lançada no carnaval de 1915 quando já havia deixado o governo. Nem assim largaram do seu pé.

Já Wenceslau Brás que o substituiu teve o bloco “Recordações” como seu marqueteiro:

*Vamos, vamos minha gente  
Tocar o nosso berimbau  
Vamos dar o nosso voto  
Ao seu doutor Wenceslau.*

Rui Barbosa foi derrotado em 1919 por Eptácio Pessoa. O notável sambista Sinhô, sabe-se lá porque, resolveu implicar com o já desalentado Rui. Lançou em 1920 o samba “Fala meu louro”, gravado por Francisco Alves, que aliás o fez constrangido. Nas suas memórias comenta: “Não gostei do samba e pensei no meu íntimo que até os grandes talentos tem seus momentos de declínio. Não quis discutir o assunto com Sinhô, pois quem era eu, na época quase um principiante, para criticar uma peça de Sinhô, o maior dos maiores”.

*A Bahia não dá mais coco  
Pra botar na tapioca  
Pra fazer o bom mingau  
Pra embrulhar o carioca  
Papagaio louro  
Do bico dourado  
Tu falavas tanto  
Qual razão que vives calado.  
Não tenhas medo  
Coco de respeito  
Quem quer se fazer não pode  
Quem é bom já nasce feito.*

Epitácio Pessoa fez um governo coerente, mas Donga não parece satisfeito no carnaval de 1921:

*O papel não mais aguenta  
A emissão desbarata  
Se acaso a bomba arrebenta  
Adeus Catete e... mamata.*

Já José Soares Mau se derrete em “O Tio Pita”:

*Pois vim de muito longe  
Somente cumprimentá  
Sô Pitaço persidente  
Nesta grande capitá.  
Eu só vim vê o Epita  
E somente cumprimentá  
Mora no Catete, iaiá  
Na capitá.*

No mesmo ano a campanha à sucessão de Epitácio já fervilhava. Debatiam-se Artur Bernardes, ex-presidente de Minas (naquela época os governantes estaduais eram chamados presidentes) e o fluminense (quem nascia no antigo Estado do Rio antes da fusão). Nilo Peçanha, que tinha como companheiro de chapa o baiano J.J. Seabra. A disputa era contundente. Bernardes era apelidado de Rolinha e Seu Mé. Careca (Luiz Nunes Sampaio) e Freire Júnior, este usando o pseudônimo de Canalha das Ruas, desancaram o mineiro na marcha “Ai Seu Mé”.

*Ai Seu Mé, ai Seu Mé, ai, Ai Seu Mé, ai.  
Lá no Palácio das Águias, olé  
Não há de por o pé.  
O Zé-povo quer goiabada campista (2)  
Rolinha desista  
Abaixa essa crista  
Embora se faça uma bernarda a cacete (3)  
Não vais ao Catete, não vais ao Catete.  
O queijo de Minas está bichado, seu Zé  
Não sei porque é. Não sei porque é.  
Prefiro bastante apimentado, iaiá  
O bom vatapá, o bom vatapá.*

O Palácio das Águias é o Catete. A goiabada de Campos era a mais tradicional, daí a referência elogiosa, enquanto o queijo mineiro era desprestigiado. O vatapá, louvação ao Seabra. Foi um enorme sucesso. Apesar das bordoadas Bernardes venceu, pôs os pés no palácio e pisoteou os desafetos. Freire Jr. que o diga. Empolgado com a repercussão da marcha acabou dando uma entrevista assumindo a autoria dos versos. O Rolinha mandou engaiolá-lo. Sinhô também levou um susto do irritadiço Bernardes. No carnaval de 22 sua marcha “Fala Baixo” foi muito cantada:

*Quero-te ouvir cantar  
Vem cá, rolinha, vem cá  
Vem pra nos salvar  
Vem cá, rolinha, vem cá.*

Mesmo elogiosa, a alusão à rolinha desagradou Bernardes e o sambista teve que desaparecer durante um mês, escondido na casa da mãe, no subúrbio. Eduardo Souto por sua vez espezinha Nilo Peçanha na marcha “Goiabada”, uma réplica a “Seu Mé” de 1923:

*Não há mais goiabada  
Que seja boa para se comer  
Ficou tão estragada  
Que o português já não quer vender.*

Em 1926 elegia-se Washington Luiz. Sá Pereira adulava-o no carnaval de 1927 com “Paulista de Macaé”, trazendo de volta a pisada no palácio:

*Paulista de Macaé (4)*

*O homem de fato é  
E no Palácio das Águias  
Com o povo ele pôs o pé.*

Em 1929 a história era outra. Eduardo Souto mete o pau, criticando a nova moeda que se tentava implantar e a plataforma eleitoral “governar é abrir estradas”:

*Ele é paulista?      (5)  
É sim senhor.  
Falsificado?  
É sim senhor.  
Cabra farrista?  
É sim senhor.  
Matriculado?  
É sim senhor.  
Ele é estradeiro?  
É sim senhor.  
Habilitado?  
É sim senhor.  
Mas o cruzeiro  
É ovo gorado?  
É sim senhor.*

O mesmo Eduardo Souto em “Seu Doutor” continua o ataque:

*O pobre povo brasileiro  
Não tem, não tem dinheiro  
O ouro veio do estrangeiro  
Mas ninguém vê o tal cruzeiro.*

Para a eleição de 1930 concorrem Júlio Prestes, apoiado por Washington Luiz e Getúlio Vargas trazendo como vice o paraibano João Pessoa. O prolífico Eduardo Souto transforma o embate sucessório em partida de futebol na composição “É Sopa”, gravada por Francisco Alves, também chamado 17 a 3. Só que desta vez mima Júlio Prestes, aliado de Washington Luiz, antes malhado tanto por ele:

*Pra vencer o combinado brasileiro  
De Getulinho  
É sopa, é sopa, é sopa.*

*Paraibano com gaúcho e com mineiro  
Diz o Julinho  
É sopa, é sopa, é sopa.*

Luiz Peixoto e Heckel Tavares surgem no carnaval de 30 com “Harmonia, Harmonia” onde previam a derrota de Getúlio pois eram 17 estados prestistas contra apenas 3 getulistas:

*Eles pensavam que a pimenta não ardia  
E que Seu Julinho não se mexia  
Mas vendo o Júlio com uma bruta maioria  
Getúlio Vargas vez repetia  
Harmonia, harmonia  
17 contra 3 é covardia  
Harmonia, harmonia.*

André Filho, autor de “Cidade Maravilhosa”, getulista, denunciava que não conseguia gravar nada favorável a Getúlio. O governo sempre ganhava as eleições e todos temiam represálias.

Júlio Prestes estava badalado. Em 1929 Freire Jr. vai a São Paulo afagá-lo lançando no Teatro Municipal a marchinha “Seu Julinho Vem”.

*Seu Julinho vem, Seu Julinho vem  
Se o mineiro lá de cima descuidar  
Seu Julinho vem, Seu Julinho vem  
Vem, mas custa, muita gente há de chorar.*

Sinhô, sempre esperto, apareceu por lá levando o samba “Eu Ouço Falar”, dedicado a Oswald de Andrade, onde Jesus virou cabo eleitoral. Os dois últimos versos são um primor de sabujismo.

*Eu ouço falar  
Que para o nosso bem  
Jesus já designou  
Que o seu Julinho é que vem  
Deve vir esse caboclo  
Pra matar nossa saudade  
Para o riso ser leal  
No coração da humanidade.*

Luiz Peixoto e Heckel Tavares, no mesmo ano, repetem a dose, infernizando a candidatura de Getúlio com “Comendo Bola”:

*Gaúcho meu irmãozinho  
Meu irmãozinho mineiro  
Seu Julinho é que vai ser  
Porque esse tal de Seu Julinho  
É um caboclo brasileiro  
Brasileiro como quê.  
Getúlio você está comendo bola  
Não te mete com Seu Júlio  
Que Seu Júlio tem escola.*

Júlio Prestes ganha mas não leva. A Revolução de 30 impediu-lhe a posse, com a deposição de Washington Luiz em outubro.

Em 1931 Lamartine Babo cantava loas à chegada de Getúlio Vargas em “O Barbado foi-se”:

*De sul a norte  
Todos viram a intrepidez  
De um Brasil heróico e forte  
A raiar num dia três  
A Paraíba, terra santa, terra boa  
Finalmente está vingando  
Salve o grande João Pessoa.  
Doutor Barbado foi-se embora  
Deu o fora...  
Não volta mais, não volta mais.*

O grande Lalá não se constrangeu em chamar a Paraíba de terra santa. Além de despachar Washington Luiz reverencia João Pessoa, cujo assassinato serviu de pretexto para o desencadeamento da revolta. Júlio Prestes, deportado, partiu debaixo da ironia de Oswaldo Santiago, lembrando seu apelido: “Bico de Lacre” em “Não Vem Mais”:

*Quem disse que um dia ele vinha  
Lá no Catete se assentar  
Entregue a mão à palmatória  
E vai uns bolos apanhar  
Não vem mais o Seu Julinho*

*Porque o povo não quis  
Bico de Lacre coitadinho  
Como foste infeliz  
O Cavanhaque deu um fora  
Deixou Seu Julinho na mão  
E este assim desempregado  
Há de tomar um bom pifão.*

Barbado e Cavanhaque era como Washington Luiz fora apelidado.

Nos festejos de 1931 o indefectível Freire Jr. lança “Seu Getúlio Vem” feita em 1930 mas proibida de ser lançada durante a campanha. Como se vê, mais escaldado, vira casaca, ele que já pedira a vinda de Júlio Prestes:

*Oh Seu Getúlio vem  
Oh Seu Getúlio vem  
Lá no Catete só ele nos convém  
Seu Getúlio é bam-bam-bam (6)  
No palácio ele há de estar  
Para tudo está disposto  
Disposto até para lutar  
Fale o povo o que quiser  
Tudo isso é tapeação  
Na cadeira há de sentar  
Só quem vencer a eleição.*

Lamartine em 31 arvorou-se mesmo em porta-voz carnavalesco de Getúlio. Almirante gravou “G-E-GÊ”:

*Só mesmo com revolução  
Graças ao rádio e ao parabelo  
Nós vamos ter transformação  
Neste Brasil verde e amarelo.  
G-E-GÊ  
Tu-tu-tu-tu  
Li-li, o  
Getúlio.*

Parabelo era uma antiga pistola automática. Nada mudou. Como nos dias atuais adesistas de revoluções não faltam. Curioso é ver-se o cordato Lamartine aprova o emprego de arma.



Apesar dos prenúncios de golpe, surgiram candidatos à presidência para as eleições em janeiro de 1938. Eram Armando Sales e Oswaldo Aranha. Só que em novembro de 1937 Getúlio puxou o tapete... Antes disso o jornal A Noite promoveu um concurso sobre o pleito. Venceu a música “A Menina Presidência” de Nássara e Cristovão de Alencar, defendida por Silvío Caldas:

*A menina presidência  
Vai rifar seu coração  
E já tem três pretendentes  
Todos três chapéu na mão*

*(E quem será?)*

*O homem quem será?  
Será Seu Manduca  
Ou será Seu Vavá?  
Entre esses dois  
Meu coração balança  
Porque na hora H  
Quem vai ficar é o Seu Gegê.*

Seu Manduca era Armando Sales e Seu Vavá referia-se a Oswaldo Aranha. A premonição dos compositores confirmou-se e não deu outra, ficou mesmo o Seu Gegê. Continuamos seguindo a trilha carnavalesca de Getúlio. Em outubro de 1945 é deposto. Ciro de Souza e Herivelto Martins comentam em “Palacete no Catete”:

*Existe um palacete no Catete  
E consta que foi desocupado  
O vizinho do lado estava informado  
Que o seu vizinho já pensava em se mudar  
Este inquilino, apesar dos desenganos  
Morou neste palacete... quinze anos.*

Ataulfo Alves que já fizera vários sambas ufanistas com Getúlio no poder, logo que este caiu mudou o tom, lançando em fevereiro de 46 “Isto é o Que Nós Queremos”, contestando o período de repressão e a carestia:

*Nós queremos nossa liberdade  
Liberdade de pensar e falar  
Nós queremos escolas pros filhos  
E mais casas pro povo morar  
Nós queremos leite, carne e pão*

*Nós queremos açúcar sem cartão  
Nós queremos viver sem opressão  
Nós queremos progresso pra nação.*

Após o afastamento de Getúlio elegeu-se o marechal Dutra. Sem carisma, seu insosso governo fez com que ninguém se lembrasse dele como protagonista no cenário carnavalesco. Nem contra nem a favor. Em 1950 Getúlio sai do ostracismo e se elege. Seu retorno é festejado por Alberto Ribeiro e José Maria de Abreu na marcha “João Paulino” (é o nome de um boneco também chamado João Teimoso, que por mais que se tente derrubá-lo mantém-se de pé):

*Gorduchinho, pequenino, quase calvo  
Desta vez eu acertei no alvo  
João Paulino que balança mas não cai  
Eu sou pobre, pobre, pobre  
E ele é o meu papai.*

O último verso se refere ao slogan explorado pelo getulistas que o nomeavam “pai dos pobres”. Jorge Goulart tronitroava enfático a marchinha de João de Barro e José Maria de Abreu:

*Ai Gegê. Ai Gegê  
Ai, Gegê. Que saudades...  
Que nós temos de você.*

O carnaval de 1951 é um chorrilho de louvações. “O Pequenino é o Maior” é um exemplo:

*O Pequenino é o maior, é o maior  
Com ele a vida vai, vai ser melhor  
O Pequenino é e sempre foi o melhor.*

“Gegê” de Claribalte Passos e Antônio Valentim dos Santos continua com a lisonja:

*Gegê, Gegê  
Tá todo mundo esperando por você.*

Um tal de Oliveira persiste na puxação com “O Baixinho Voltou”:

*Segure iaiá  
Na mão de ioiô  
Vamos pular e cantar  
Porque o Baixinho voltou.*

O maior estouro foi “Retrato do Velho” de Haroldo Lobo e Marino Pinto. Getúlio elogiou mas no fundo torceu o nariz. Vaidoso, envolvido com vedetes, qualquer alusão à sua idade ou ao tipo físico, mesmo simpática, ele absorvia contrafeito.

*Bota o retrato do velho outra vez  
Bota no mesmo lugar  
O sorriso do velhinho  
Faz a gente trabalhar  
Eu já botei o meu  
E tu? Não vais botar?  
Já enfrentei o meu e tu?  
Vais enfrentar?  
O sorriso do velhinho  
Faz a gente se animar  
O sorriso do velhinho  
Faz a gente se animar.*

Pulamos para 1952. A chiadeira começa a surgir como expressa o samba de Ernani Silva, Valentim e M. Passos, “Coisa Modesta”:

*Gegê...  
Sou o operário brasileiro  
Não quero emprego nem dinheiro  
O que eu quero vou contar  
Não é!...  
Um palacete pra dar festa  
Eu quero é coisa bem modesta  
É um barraco pra eu morar.  
Um quarto, uma sala, uma cozinha  
Pra eu, ela e uma filhinha  
Chega pra remediar  
Eu durmo na garagem do vizinho  
Porque o meu senhorio  
Acaba de me despejar.  
Gegê*

*Se acaso você arranjar  
Um barracão pra eu morar  
Vou pedir a Deus  
Para lhe ajudar.*

Ainda em 1953 Silvino Neto, dublê de humorista de rádio e compositor (Adeus, Cinco Letras que Choram) elegeu-se vereador pelo PTB, partido que Getúlio fundara. Compõe e grava “Trabalhadores do Brasil”, usando a frase com a qual o Presidente iniciava seus discursos. O samba é crítico e Getúlio deve ter estranhado isso partindo de um coorreligionário. Silvino fala de sua eleição: “Naquela época como candidato do PTB eu fazia um programa de rádio muito popular onde imitando Getúlio eu já tinha um **handicap** formidável. Fiz uma campanha na base da brincadeira. Eu dizia: “Olha aí minha gente, nós não queremos nada com o trabalho. Nós queremos é nos arrumar! E o pessoal: “Tá bem, é isso mesmo. Tu tá falando a verdade!” Então votem em mim que eu quero entrar nessa boa. Foi uma loucura. Tive 25.000 votos”. Vejamos a letra:

*Trabalhadores do Brasil  
Nós somos, nós queremos trabalhar  
Trabalhamos com toda firmeza  
Pelo gigante da própria natureza  
Mas Senhor Presidente  
A vida está de amargar  
Meu barraco de madeira  
Está querendo desabar  
Vou levando a vida inteira  
Esperando melhorar.*

Mas nem tudo são espinhos. No mesmo ano era desagradado por Marino Pinto e Paulo Soledade em “Deixa o Velho Trabalhar”:

*Há quem vive reclamando o ano inteiro  
Há quem fala, fala, fala por falar  
Derrotismo nunca foi bom conselheiro  
- Deixa o velho trabalhar.  
Faltava carne. Taí.  
Petróleo tem também.  
Não há quem diga que não há democracia  
Miséria mesmo não há.  
E o que nos falta, virá.*

*- Roma não se fez num dia.*

Quem diria, o neoliberalismo desvairado já era incentivado e tinha seus vilões no samba de Arlindo Marques Jr. e Roberto Roberti, preconceituoso, lançado em 1954 “Se eu Fosse o Getúlio”:

*O Brasil tem muito doutor  
Muito funcionário  
Muita professora  
Se eu fosse o Getúlio mandava  
Metade dessa gente pra lavoura.*

Depois o suicídio e o quase silêncio. Foi enredo de Mangueira no samba de Padeirinho “O Grande Presidente” em 1956. Em 58 a última lembrança que consegui anotar, o frevo-canção de Jonas Cordeiro e Miguel Lima “Sublime Evocação”:

*Vamos recordar e exaltar  
E recordar o imortal Gegê  
G inicial de glória  
Que ficou na história.  
O sorriso de Getúlio  
O Brasil não esqueceu  
E dizemos com orgulho  
Que Getúlio não morreu.*

Em 1955 a disputa é entre Juscelino Kubitschek, Juarez Távora e Ademar de Barros. Os compositores ademaristas chegaram a capachadas insólitas como Ruy Ribeiro na marcha “Vamos Tacar os Peitos”:

*Vamos tacar os peitos, ó gente  
Vamos trabalhar?  
Vamos tacar os peitos  
Juntos com Ademar  
Mantimentos minha gente  
Hospitais e condução  
Ademar tirou batente  
Salve, salve o GOSTOSÃO!*

Herivelto Martins e Benedito Lacerda dão o aval para a corrupção do “rouba mas faz” com “Caixinha do Ademar”:

*Quem não conhece  
Quem não ouviu falar  
Na famosa Caixinha do Ademar  
Que deu livro, deu remédio, deu estrada  
Caixinha abençoada  
Já se comenta de norte a sul  
Com Ademar tá tudo azul.*

Juscelino é eleito, tem a posse contestada e acaba assumindo. É a época da “irresponsabilidade construtiva” segundo Nelson Rodrigues. Com seu carisma foi muito citado. A mudança de capital teve prós e contras. Sebastião Gomes, Átila Bezerra e Waldir Ribeiro aprovam em 1958 e incentivam: “Vamos pra Brasília”:

*Está na hora Emília  
É agora Emília  
Deixa o Rio  
Vem comigo pra Brasília.  
A idéia não é má  
Nasceu de JK  
Então vamos pra lá  
Que vai ser um chuí.*

Carnaval de 1959. A queixa é de Miguel Gustavo em “Dá um Jeito Nonô”, gravada por Carequinha:

*Dá um jeito nele Nonô  
Meu dinheiro não tem valô  
Meu cruzeiro vale nada  
Já não dá nem pra cocada  
Já não compra mais banana.  
Já não compra mais café.*

Em 1960 o mesmo Miguel Gustavo em parceria com o flautista Altamiro Carrilho anota o vai-vem do inquieto presidente em “Carnaval de JK”:

*Como pode o Juscelino  
Viver longe de Brasília?  
JK está lá e cá (bis).*

Campanha eleitoral de 1960. São candidatos Jânio Quadros, Lott e Ademar. Com sua campanha moralizadora Jânio é prestigiado. Haroldo Lobo e Carlos Marques lançam “A Marcha da Vassoura”:

*Saindo JK  
Entrando JQ  
Pessoal  
A vassoura vai comer.*

Ciro de Souza e Pereira também abordaram o símbolo. Note-se que naquela época os compositores lançavam músicas apologéticas sem nenhum constrangimento. Na maioria das vezes era por convicção não entrando dinheiro pela feitura. Hoje há mais comedimento e os artistas sobem aos palanques, com raríssimas exceções, apenas para comercializar sua música. Retornemos a Jânio em “Tá Faltando Um”:

*Varre, varre, vassourinha  
Deixa minha casa bem limpinha  
Tá faltando um quadro  
No palacete do Catete.*

Foi eleito e continuam as vassouradas. Carnaval de 1961 Antonio Almeida e Nilo Barbosa comparecem com “Bloco do Gari”:

*Olha vassouras! Espanadores!  
Para limpar toda sujeira  
Que está aí  
“No que me concerne”  
Eu vou entrar  
Para o bloco do gari  
Varre vassourinha  
A copa e a cozinha  
E o lixo do quintal  
Lava a roupa suja  
Pendura no varal.*

“Minha Cachaça” de Dora Lopes, Ester Tarcitano e Mauro Araújo reforçam o tema. O título é bem sugestivo:

*Já me disseram*

*Que a vassoura vai comer  
Saiu o JK  
E entrou o JQ.*

A descoordenada vassoura acabou varrendo o Brasil para debaixo do tapete. Tantos rapapés não serviram para nada. No mesmo ano o tresloucado Jânio renunciou, invocando “forças ocultas”, quando na realidade pretendia um golpe, retornando com apoio popular e muito mais prestígio. Quebrou a cara. Jango, o vice, enfrentou forte oposição para assumir. “A Marchinha Legal” de Luiz de França lhe dava força:

*É lei. É lei. Diz o candango.  
Mais uma vez queremos Jango.  
Não adianta fazer marola  
Esta é a vez da mocidade  
Estamos com Brizola  
A bandeira da legalidade.*

No carnaval de 1964 JK começa a ser cogitado. Enock, Joe e Garcia são cabos-eleitorais:

*Se ela for, eu também vou  
Se ela é Nonô, eu também sou  
Ninguém pode negar o seu valor  
Ninguém pode esquecer o que ele fez  
Em 65 voltará  
Pra despertar o gigante outra vez.*

O trio se repete batizando Juscelino como o super “Homem Brasa”:

*Sai da frente que ele vem aí  
Mandando brasa. Mandando brasa  
Quem não acredita  
Não perde por esperar  
Em sessenta e cinco  
O Homem Brasa é o JK.*

Ricardo Galeno também estava otimista clamando “Nonô Vai Voltar”:

*Que bom vai ser  
Nonô na presidência*



*A nossa escola vai voltar  
A ter cadência.*

Abril de 1964. A liberdade fecha as asas sobre nós com a deflagração do golpe militar.

A cidadania é violada pela cassação dos direitos políticos. Os compositores, pisando em ovos, preferiram o escapismo no carnaval de 1955 como Paquito, Romeu Gentil e Moreira da Silva em “Cassa o Mandato Dele”:

*Cassa o mandato dele  
Eu não tenho nada  
Pra ninguém fiscalizar  
Eu quero é gozar.*

Ou Raul Marques, Hugo Brando e William Duba em “Zé da Moamba”:

*Cassaram o mandato  
Do Zé da Moamba  
Mas se cassam o meu  
Lá se vai o samba.*

“Maria Pouca Roupa” de Newton Teixeira e Blecaute pelo menos passa um verniz de humor:

*A Maria comprou biquini  
No Salomão e fez fantasia  
Lá em casa por causa da Maria  
Cassaram meu mandato  
E houve até pancadaria.*

Surge Haroldo Lobo, valente, abominando a delação em “Dedo Duro”:

*Todo dedo duro é cara de pau  
Todo dedo duro no fim acaba mal.*

O respeitado compositor pernambucano Nelson Ferreira, num surto delirante ufanista, surgiu com um mambembe frevo que só apequenou sua obra. Denominou-o “O Bloco da Vitória”:

*Marechal Castelo*

*Em sua homenagem  
O Bloco da Vitória  
Vem à rua, de novo  
Veja como o povo  
Entrou no rojão  
Pra na hora da folia  
Fazer revolução! (Não é?)  
Costa e Silva, Justino  
Muricy e Mourão  
Da nossa banda são generais  
Como eles, nossa gente  
Mais vitória traz  
Por isso é que afirmamos afinal:  
Nosso bloco vai mandar brasa!  
Nosso bloco vai mandar brasa!  
Brasa, brasa, brasa, neste carnaval.*

Castelo Branco assume “comprometido com a democracia” que logo é vilipendiada. Jota Jr. e Alcyr Pires Vermelho perceberam que a saída era ironizar e vieram com “Ato Inconstitucional”:

*O Rei Momo decretou  
O Ato Inconstitucional  
Fez de você, meu marron glacê  
Rainha do meu carnaval.*

Zé Keti foi outro que não se alienou. Mandou em 1966 farpas sobre os “arrepentidos” na “Marcha da Democracia”:(7)

*Marchou com Deus pela democracia  
Agora chia, agora chia  
Você perdeu a personalidade  
Agora fala em liberdade.*

Estava tudo cinza-chumbo em 1975 no governo Medici. Mesmo assim Geraldo e Jair Barbosa faziam mesuras em “Salve Nosso Presidente”:

*Brasil pra frente  
Teu povo é quente  
Salve a garotada do Brasil  
Salve o nosso presidente que é pra frente.*

Foi gravada muito sugestivamente pelo palhaço Carequinha. Que estranho desígnio levou os autores a meter a garotada do Brasil na música? Outra dupla Silvio Curval e Oleimar de Oliveira também se entregaram a salamaleques. Para eles era o “Brasil Novo”:

*De norte ao sul  
Do sul ao norte  
O povo todo exclama  
O presidente é bom e forte.*

Sopram os ventos da abertura. O veterano Pedro Caetano não deixa passar e compõe “General, General”:

*General, General  
Tira a tranca  
Arranca o trinco  
Joga fora o cadeado  
Que ele até oitenta e cinco  
Não quer ver ninguém trancado.*

No carnaval de 1982, num desvario, Jorginho de Bonsucesso cria um epíteto espantoso para o Presidente Figueiredo:

*Do gari ao engenheiro  
Todos tem seus ideais  
Figueiredo  
Apóia todas as classes sociais  
Figueiredo, REI DA DEMOCRACIA!*

Não fica atrás em alienação um tal de Vicente Tessário que se achando parecido com o presidente detona em 1983 o seu “Sósia do Presidente”:

*Estou feliz, estou contente  
Sou parecido com o presidente.*

Nem sempre políticos que eram lembrados pertenciam ao **cast** de presidenciáveis. Em 1950 José do Espírito Santo e Faísca lançavam lantejoulas no prefeito do Rio, Mendes de Moraes, o construtor do Maracanã. O título incomum: “Salve o Prefeito”:

*Salve o governador da cidade  
Senhor Mendes de Moraes.  
Homem de fibra, de grande capacidade  
Nosso querido prefeito  
Remodelador da cidade*

O austero Carlos Lacerda, primeiro governador eleito do antigo estado da Guanabara em 1960 era tratado com a maior intimidade por Aldacir Louro e F. Rodrigues na marcha “Não Teve Graça”, para o carnaval de 1961:

*Não teve graça  
Não teve não  
Votei na certa  
E o Lalá foi campeão.*

Em 1952 o popular e bizarro deputado-pistoleiro Tenório Cavalcanti surgiu atirando na marcha de Manoel Pinto e Ayrão “Lá Vem o Seu Tenório”:

*Lá vem o Seu Tenório  
Tenha cuidado que esse homem é de amargar  
Por qualquer coisa pega na metralhadora  
Dá no gatilho tatatata... tatatata  
O seu Tenório é um homem camarada  
Mas se alguém o provocar topa sempre a parada  
Em qualquer briga leva sempre a melhor  
Lá em Caxias seu Tenório é o maior.*

Em 1979 é a vez de Maluf. Beduino e Roberto Amaral badalam a utópica Petropaulo em “Sheik Maluf”:

*Bota a sonda no buraco  
Que o petróleo vai jorrar  
Nossa terra tem de tudo  
Seu Maluf vai provar.*

Em certos momentos o eleitor já desencantado, se vinga, protestando nas urnas através de candidatos inimagináveis. Já o fez com as muriçocas de Vila Velha no Espírito Santo, com o macaco Tião no Rio. O bode Frederico, candidato a prefeito do município do Pilar em Alagoas ante a perspectiva de se sair vitorioso foi imolado. Apareceu morto, envenenado por raticida. Outro

bode, o Cheiroso foi mais feliz. No interior de Pernambuco elegeu-se vereador (8).

Incensado mesmo foi o rinoceronte Cacareco em 1960. Uma turma de jornalistas depois de umas e muitas no Hotel Jaraguá, em São Paulo, saiu de madrugada pichando os muros com propaganda do animal. Não deu outra. Obteve 90 mil votos enquanto Jânio teve 71.000. Roubou nove cadeiras a Ademar na Câmara de Vereadores. Roggieri e Ivando Luiz captaram o fenômeno “Cacareco”:

*Está faltando carne  
Está faltando pão  
Criança sem escola  
É triste a situação  
A queixa deste povo não encontra eco  
E foi eleito o Cacareco.*

Saulo Gomes foi outro contestador bradando “Cacareco é Nosso”:

*Não há leite, não há carne, não há pão  
Minha gente não faça confusão  
Troque a vassoura por pandeiro e reco-reco  
E vá votar no Cacareco.*

Mesina não entendeu nada como canta em “O Rinoceronte Cacareco”:

*Tô, tô ficando ca-ca-re-ca  
Só de pensar nesse treco  
Como o povo elegeu  
O rinoceronte Cacareco.*

Fez sucesso mesmo com Risadinha e José Roy. Foi em 1960 que “Cacareco é o Maior” abafou nos salões:

*Ca-ca-ca-reco  
Cacareco. Cacareco é o maior  
Ca-ca-careco  
De mim ninguém tem dó.*

Impacto que deixou a todos boquiabertos foi a eleição em 1983 do índio Juruna para deputado federal no Rio. Os poetas populares deitaram e

rolaram. Vevé Calazans e Dito mostram em “Depu-índio” uma imagem supostamente sagaz, na verdade deprimente:

*O índio foi eleito deputado  
Lá no plenário tá botando pra quebrar  
Não cai na conversa do apito  
Gosta de loura sem biquini e sem colar.*

Walter Levita passa recado em “Juruna Falou”:

*Juruna falou  
Vai ser pra valer  
Índio não quer mais apito  
Índio agora quer poder.*

No carnaval de 1984 era protagonista da “Marcha do Oh!” de Rômulo Marinho:

*O branco chegou sem dó  
Pegou o índio e fez “Oh!”  
Agora é a vez do Juruna chegar  
E fazer “Oh!” em vocês.*

De nada adiantou a torcida. O índio deslumbrou-se, esboroou-se e hoje conheceu o ostracismo imposto pelo implacável “Oh!” dos civilizados. Morreu doente e abandonado só convivendo com a desesperança. O Plano Cruzado de 1968 teve como um dos artífices o ministro Dilson Funaro e o tornou popularíssimo. Os brasileiros como diria o filósofo Jamelão estavam igual a “pinto no lixo”. No ano seguinte a derrocada com tudo se esfarelado. O professor da Universidade de Brasília, Jorge Antunes, um dos introdutores da música eletrônica no país, reconhecido internacionalmente, ainda zonzo, desabafou com a engraçada “Tô, Tô, Tô Funaro” para o carnaval de 1987:

*Tô, tô, tô Funaro  
Tô bebendo, tô caindo, mas não paro  
Tô, tô, tô Funaro  
Tá sem gelo e tudo aqui tá muito caro  
Fumo votá  
Fumo levei  
Fumo sim; eu fumo mas não trago  
Fumo ganhei*

*Tô, tô, tô funaro e mal pago.*

Encerramos este painel com “Esquema PC” de Jovelino dos Santos e Selma Costa, que ninguém tomou conhecimento em 1993:

*Pega, pega, pega ladrão  
Pega, pega todos pra valer  
Pega, pega, pega ladrão  
São eles o esquema PC.*

## ADEREÇOS

1 - O senador Pinheiro Machado, chefe do Partido Republicano Conservador, era a eminência parda do país. Mandava e desmandava. Nenhum parlamentar na história política brasileira conseguiu seu poder. Morreu apunhalado em 1915 por motivo até hoje nebuloso. Morava no Morro da Graça para onde convergiam caravanas de aduladores. Chegava-se à casa por uma pequena ladeira. A aparição foi ironizada em 1909 num filme de A. Leal e numa peça de Raul e Ataliba Reis, ambas com o nome de “Pega na Chaleira”.

2 - Zé-Povo: personagem criada pelo caricaturista português Raul Bordalo Pinheiro. Virou zé-povinho e hoje é povão.

3 - Bernarda: o mesmo que motim.

4 - Apesar de ter nascido em Macaé, antigo Estado do Rio, Washington Luiz viveu desde a mocidade em São Paulo.

5 - Tal fato levou Eduardo Souto a provocá-lo classificando-o como “paulista falsificado”.

6 - Bam bam bam: pessoa competente no que faz.

7- Lamentável é que em 72 Zé Keti mudou a postura. Compôs uma marcha, Sua Excia. a Independência, cujo disco trazia a foto do presidente Médici na capa.”.

8 - Vale a pena conhecer o divertido rojão “Bode Cheiroso” de Elias Soares e Fernandes mesmo lançado fora do carnaval:

*Olhe como é que pode  
Me diga seu dotô  
Um diabo dum bode  
Sê vereadô  
Foi na eleição  
De Jaboaão  
Que o bode Cheiroso*



*Na hora da apuração  
Teve a maior votação.*

**ABRE ALAS... ELES QUEREM PASSAR**

Neste capítulo apresento um desfile pela passarela momesca onde os componentes que foram notícia na história brasileira e internacional são colocados pelos argutos observadores da canção carnavalesca como destaques em suas obras. Deixemos passar primeiro o bloco nacional nos seus primórdios.

Cabral foi uma figura simpática. Para o carnaval de 1934 Lamartine Babo surgiu com a marcha surrealista “História do Brasil” arrebatando o povão. A letra é um achado:

*Quem foi que inventou o Brasil?  
Foi seu Cabral... Foi seu Cabral...  
No dia 21 de abril...  
Dois meses depois do carnaval...  
Depois...  
Ceci amou Peri  
Peri beijou Ceci  
Ao som...  
Ao som do... Guarani  
Do Guarani ao guaraná  
Surgiu a feijoada  
E mais tarde o parati (1)  
Depois  
Ceci virou iaiá  
Peri virou ioiô  
De lá...  
Pra cá, tudo mudou!  
Passou-se o tempo da vovó...  
Quem manda é a Severa (2)  
E o cavalo Mossoró!... (3)*

Vicente Paiva e Paulo Barbosa em 1935 relatam na “Salada Portuguesa” como a comitiva cabralina era da fuzarca:

*O vovô já me dizia  
No Brasil há alegria  
Desde o tempo de Cabral*

*Que existe carnaval.*

Na verdade os compositores estavam se lixando para o aspecto heróico da empreitada. Os méritos do navegador eram outros como mostra Arlindo Veloso. Rebaixou as caravelas e obrigou o pobre Cabral a um esforço titânico com os pulmões. “Barquinho do Cabral” é de 1965:

*O primeiro foi Cabral  
Que veio na sua barquinha  
Soprando a velinha  
Lá de Portugal  
Depois veio a mulata  
Que ainda hoje é sensação  
Mulata, rainha  
Mutala quatrocentão.*

O quatrocentão é referência ao 4º Centenário do Rio. No rastro da novela “Antonio Maria” que contava a saga de um português representado por Sérgio Cardoso e que comoveu multidões, vieram Max Nunes e Laércio Alves em 1969 com “Ora, Pois, Pois!”

*Cabral descobriu o Brasil  
Num dia vinte e dois  
Foi a que horas?  
Ora, pois, pois!  
Ai Jesus, que gostosura  
A farra foi depois  
Foi a que horas?  
Ora, pois, pois!*

No carnaval vale qualquer salada cronológica. José Lopes em “As Caravelas” de 1972 encaixou os desbravadores na comitiva de Cabral como avalistas:

*As caravelas de Cabral surgiram  
Cortando os mares desta terra amada  
Trouxe com ele muitos bandeirantes  
Testemunhas da terra encontrada.*

Para Denis Lobo e José Orlando o desembarque foi só folia como contam em “Iê, Iê, Iê Vatapá” de 73:

*Bahia mil e quinhentos  
Da chegada do Cabral  
Foi aí que aconteceu  
O primeiro carnaval.*

O quarteto Edy Franco, J. Masson, Carlos Bandeira e Odilon Araújo está agradecido em “Cabral e a Mulata”, composto em 1978:

*Cabral... Cabral...  
Que bem você nos faz  
Quem inventou a mulata, seu Cabral  
A maior invenção do português.*

Diogo Álvares, aprisionado pelos Tupinambás, não lhes pareceu muito apetitoso, sendo poupado e ainda recebendo a mordomia de poder escolher entre as misses da tribo a sua companheira. Encantou-se com Paraguaçu. Recebeu o apelido de Caramuru e os historiadores divergem quanto à sua origem. Significaria “Filho do Trovão” por ter embasbacado os índios fazendo um disparo com o bacamarte ou por ser magrelo e alto assemelhando-se ao caramuru, peixe comprido como uma enguia. Existem registros de que regressou à Europa frequentando a corte de Catarina de Médici. Quem sabe ele mesmo espalhou a lenda?

Nássara e Sá Róris ficam com a versão do tiro cantada por Aracy de Almeida no carnaval de 1939:

*Caramuru-ú, ú  
Caramuru-ú, ú  
Filho do fogo  
Sobrinho do trovão  
Caramuru  
Que atirou num urubu  
Mas errou a direção  
E acertou num gavião.*

Reaparece em 1943 em “Índia Paraguaçu”. Os autores Max Bulhões e João Batista Filho mostram que a máquina do tempo funciona:

*Diante de Caramuru  
Uma tribo de selvagens se rendeu*

*Depois que avistou a caça e fez fumaça  
O cacique lhe obedeceu  
E a linda índia Paraguaçu.  
Filha da tribo casou com Caramuru  
Caramuru, Caramuru  
Já canta samba e toca flauta de bambu  
Paraguaçu, ú, ú  
Já toma banho na praia do Caju  
Dança na gafieira  
É torcida do Fla-Flu.*

O aventureiro era mesmo popular. Aqui está de novo em 1952 na composição de Hélio Ribeiro e Álvaro Xavier “Tribo do Caramuru”:

*Na tribo do Aimoré  
Todo mundo usava pena, até o pajé  
Mas na tribo do Caramuru  
A ordem é esta  
Todo mundo nu.*

Todo país precisa, indiscutivelmente, de heróis. Isso não justifica que a história oficial seja sempre apologética, ufanista e parcial. Vejamos alguns exemplos em outras plagas: o general Custer, indômito e imbatível em filmes e livros, fez do massacre indígena plataforma política para chegar à presidência dos Estados Unidos. O tiro, ou melhor a flechada, saiu certa e seu exército acabou dizimado. Outro ícone americano, o bravo Búfalo Bill (não é lenda, existiu mesmo) matou mais índios que búfalos. George Washington aprovava o extermínio das tribos e negociava com escravos. Kipling, o doce escritor e Baden Powell, fundador do escotismo foram imperialistas ferrenhos. Wellington derrotou Napoleão e ordenou o morticínio de operários.

A lista é longa. Muitos de nossos vultos históricos não fogem à regra. São descritos como íntegros, imaculados, destemidos, sem um humano deslize. A MPB vem fazendo eco às versões maquiadas, com obras encomiásticas. D. Pedro I se encaixa bem nesse conceito. Foi sem dúvida uma figura fascinante e polêmica. Ousado, destemperado, inconsequente, boêmio, sedutor, modinheiro. Hoje em dia tanto poderia ser rotulado de “gente fina” ou “bad boy”. Sua ciclotimia o fazia oscilar entre ataques de fúria e atitudes emotivas e generosas. O “brado retumbante” e o “fico” conquistaram o maior ibope. De início encheu-se de brasilidade e andou fustigando os portugueses.

Inesperadamente dá uma reviravolta, abre-lhes a porta do palácio, formando uma patota de fâmulos que deixa indignados os brasileiros. Para os carnavalescos não teve defeitos. As músicas que o citam são sempre laudatórias. Silvio Silva e Fernando Cesar em “Pedro Fico” em 1968 começam decididos e depois afrouxam:

*Vai, vai  
Vai de vez e vai agora  
Se tivesse ido ontem  
Já era fora de hora  
Vai, vai  
Vai baixar noutra terreiro  
Baixa de Pedro Primeiro  
Bota banca e diz “eu fico”  
E fica...*

“Sete de Setembro” de Ozir Pimenta a Antônio Valentim louva uma confusa nacionalidade:

*Sete de Setembro  
Foi selada a nossa sorte  
Às margens do Ipiranga  
Um longo grito ecoou  
Independência ou morte  
Para esse povo de valor.  
Mil novecentos e setenta e dois  
Engalana o Brasil  
Comemorando a existência  
Dos cento e cinquenta anos  
Da Independência  
Vamos cantar e exaltar  
Nosso herói de além-mar  
Salve o grande brasileiro  
D. Pedro I, D. Pedro I, D. Pedro I.*

No dia que o “grito ecoou” D. Pedro não estava com o melhor dos humores. Andara exagerando na comidaria em São Paulo junto a Domitila, com conseqüências intestinais lastimáveis. A consolidação da Independência só se consumou mesmo após acerto entre Inglaterra e Portugal, com o Brasil assumindo as dívidas deste último. Se quisessem teriam derrubado o príncipe rebelde com um peteleco. Na verdade tem absoluta razão Wilson Martins

quando comenta: “a Independência foi um processo, não o ato impulsivo em que nos faz crer os manuais escolares. A ruptura já estava decidida, e oficialmente decidida, desde o mês de agosto”.

Em 1973 Cesar Luiz e Dirson Ventura rasgam seda no confuso “Samba da Independência”.

*Quem não viu mas tem noção  
Que D. Pedro I foi defensor de nossa nação  
Com energia e dedicação  
Foi o único e o primeiro  
Dar o grito da salvação.  
A Independência foi dada com perfeição  
Por otimismo do nosso imperador  
Que ficou marcado na história  
O dia da nossa vitória  
E a glória de cada um.*

O “por otimismo” é ótimo. Saiamos da badalação e vamos dar lugar ao lúdico com “A Marcha do Pedro” de Adilson Godoi e Orfeu Campos para o carnaval de 1976:

*Pedro foi o primeiro  
A sair de Portugal  
De braço com a Marquesa  
Pra brincar o carnaval  
Cantando  
Lá em cima tem o tiro liro liro  
Cá embaixo tem o liro liro lá.*

Outras obras falam em D. Pedro I mas por sua pobreza não merecem ser citadas. Já que o assunto é Independência vem-nos à mente um dos nossos poucos orgulhos nacionais: Tiradentes, quase nunca mencionado. Foi digno e macho. Assumiu sozinho a conspiração, livrando a cara dos outros e foi o único sacrificado. Já Tomás Antonio Gonzaga foi de um mau caratismo sem par e deveria ser condenado ao ostracismo. Covarde e sabujo é inexplicavelmente tratado por alguns historiadores como vítima. Um cândido e inofensivo poeta aliciado e envolvido. Para se defender argumentou que era português e colocado frente a frente com o alferes, amedrontado, transfere-lhe toda a culpa. No acervo carnavalesco sobre Tiradentes encontrei o belo samba-enredo que leva seu nome (Joaquim José / Da Silva Xavier / Morreu a

21 de abril / Pela Independência do Brasil / Foi traído e não traiu jamais / A Inconfidência de Minas Gerais) de Estanislau Silva, Décio Antonio Carlos e Penteadó lançado em 1949 com a Império Serrano, vencendo o desfile. Outra nada acrescentou ao seu currículo. “Abobrão de Cinco Mil” de Haroldo Lobo e Milton de Oliveira para 1964:

*O Tiradentes agora é o tal  
Passou pra trás o seu Cabral  
Salve Tiradentes  
O Joaquim José da Silva Xavier  
O abobrão de cinco mil  
Quem mais gostou foi minha mulher.*

Em 1937 a parceria Bemol e Jack Bacana lembra o intrépido Fernão Dias, que já entrado nos anos, saiu à caça das esmeraldas. A marcha é “Garota Paulista” ou “Bandeirante do Amor”:

*Garota paulista  
Dos cabelos de ouro  
E de olhos tão verdes  
Você é o meu tesouro  
Achei esmeraldas nos seus olhos, minha flor  
Eu sou o Fernão Dias do amor.*

Vicente Paiva e Sá Roriz na marcha “Terra Americana”, são signatários dos encantos descritos por Pero Vaz:

*Tudo aqui Deus abençoa  
Que terra boa  
Como esta assim não há  
Tem até lua de prata  
Tem morena e mulata  
Tem palmeira e sabiá  
Bem dizia o Vaz Caminha  
Numa cartinha  
Que mandou pra Portugal  
Esta terra é mesmo da coroa  
Adeus Lisboa  
Vou ficar pro carnaval.*



Alberto Ribeiro, com bossa “lamartinesca”, faz deliciosa mistura, abrindo o desfile com Camões, brincando com a nossa História. “As Armas e os Barões” foi lançada em 1936. Incluída no filme “Alô, Alô Carnaval” de enorme sucesso, teve como intérpretes Lamartine Babo e Almirante. Surgindo uma oportunidade os amantes da música brasileira não devem perdê-lo. É um cenário cativante onde brilham astros famosos da época:

*As armas e os barões assinalados  
Vieram assistir o carnaval  
Cantando espalharei por toda parte  
O porta-estandarte vai ser o seu Cabral.  
Peri e Ceci de palhaço  
Caramuru de Arlequim  
Mandaram beijos e abraços  
Pagaram um chope pra mim  
O Pero Vaz de Caminha  
Vem de pierrô furtacor  
E traz na mão fechadinha  
Uma cartinha de amor.*

Almirante levou-a ao disco. No filme ele começa cantando e depois chama Lamartine que encaixa o seguinte trecho:

*Quem vê a minha figura  
Diz que eu sou assim assim  
A minha caricatura  
Deve ter raiva de mim.*

Essa parte não aparece na gravação e pelo estilo tudo indica que o autor é Lamartine e não Alberto Ribeiro.

Em 1972, Zé Marinheiro é o compositor bem apropriado para distribuir elogios aos partícipes da Batalha do Riachuelo na sua marcha “Mamãe, Vou ser Marinheiro”:

*Mamãe eu vou ser marinheiro  
Servir à pátria e viajar o mundo inteiro  
Servir à Marinha  
Pra mim é uma glória  
Ser marinheiro já é uma vitória  
Marcílio Dias e Almirante Barroso*

*Deixaram seus nomes na História.*

A Abolição foi um acontecimento relevante na vida nacional. A Lei Áurea, apesar de capenga foi um referencial. Ela veio carregada de uma forte dose de emocionalismo e não previu os efeitos sociais e econômicos da libertação. Não houve uma regulamentação que se preocupasse com o futuro do negro, com seu amparo, promovendo sua educação e possibilitando ser absorvido pela sociedade então existente. Justifica-se portanto o repúdio dos negros ao 13 de maio. Devemos porém fazer justiça à Princesa Isabel. Era uma pessoa sensível e intrinsecamente antiescravagista como o pai, que reconheçam ou não alguns historiadores, foi um estadista. Contrariou o marido, o conde D'Eu, que comentou ao vê-la decidida: "Não assine Isabel. É o fim da Monarquia". Comovente é sua carta a uma amiga após ser escorraçada do país: "As saudades que levo são imensas. Fui tão feliz!" É lembrada por Geraldo Pereira e José Batista no belo samba de 1948 "Liberta Meu Coração":

*Enquanto Isabel, a Redentora  
Aboliu a escravidão  
Outra Isabel, tão pecadora  
Escravizou meu coração  
Ai, o meu viver é tão cruel  
Liberta o meu coração, Isabel.*

Dez anos depois era nomeada preposta do Messias na batucada de Blecaute, Godinho e Laurindo: "Serenou, Serenou". Eis o trecho marcante:

*Batuquei a noite inteira  
Em louvor à Princesa Isabel  
Salve a Redentora  
Que Jesus mandou do céu.*

"Nos braços de Isabel" também faz a interação entre a liberdade dos escravos e do coração. Cantada por Silvío Caldas que é um dos autores, junto a José Judice é do carnaval de 1952:

*Ontem Isabel me libertou  
Da escravidão e da dor  
Hoje Isabel é minha libertação no amor  
Salve a Princesa Isabel  
Que quebrou minhas algemas*

*Salve a Isabel  
Que resolve meus problemas.*

O maestro Zacarias teve um desvario de otimismo quando compôs em 1962 o samba “13 de Maio de 1888”:

*No dia 13 de maio  
A Princesa libertou  
Os escravos da dor  
Não tem mais preconceito de cor  
Hoje preto é senhor  
A Princesa Isabel  
Assinou a libertação  
A Princesa Isabel  
Assinou a abolição  
Preto ganha um milhão  
Hoje preto é patrão.*

Já Ataíde Machado exagera na euforia e non-sense ao lançar em 1972 o can-can (?) “No Tempo da Opereta”:

*No tempo da opereta  
Depois da escravidão  
Que legal  
A princesa, de capeta  
Foi brincar o carnaval.*

Outra figura emblemática foi Santos Dumont. Nas palavras de Gilberto Freire “nunca um brasileiro foi tão completa glória universal, consagrado pelos sábios, reis e artistas”. Justas considerações. Foi um cara realmente especial, um mito. E como tal cercado de lendas. Lembro-me que no antigo ginásio era-nos transmitida a pueril versão de que morrera de desgosto, por ver sua invenção desvirtuada, o avião transformado em destruidora arma de guerra. Nem uma palavra sobre o suicídio. Este deu-se em plena Revolução Constitucionalista de 32 e Getúlio foi acusado pelos paulistas de ter-lhe levado à depressão, por autorizar o bombardeio aéreo das tropas revoltosas. O governo federal divulgou a versão da “morte natural”, que foi o que constou no atestado de óbito. Na verdade o que o levou ao desatino foi uma inexorável doença do sistema nervoso que minou-lhe o organismo, incoordenou-lhe as mãos, embaçou-lhe os olhos e transformou-o em ancião aos 59 anos. Foi um dos nossos vultos mais citados pelos compositores de vários matizes. Aparece

em sambas, marchas, xótis, música sertaneja e principalmente em sambas-enredos. Como não estou abordando os últimos neste trabalho, surpreendeu-me por praticamente nada encontrar que o celebrasse nas canções carnavalescas. Apenas uma citação em “Bicho Carpinteiro” composta em 58 por Klécio Caldas e Armando Cavalcanti, que tentava explicar a atração de JK pelas andanças aéreas:

*O Pai da Aviação era mineiro  
Nasceu com a mania de voar  
Por isso o bicho carpinteiro  
Não deixa esse mineiro sossegar.*

Em 1906 dois assaltantes italianos, Rocca e Carleto, mataram os proprietários de uma joalheria no centro do Rio. Edigar de Alencar comenta que no carnaval de 1907 a tragédia foi cantada com letra aproveitando a melodia de um passo-doble francês muito popular na época: “La Mattchitche”:

*Mandei fazer um terno  
De jaquetão  
Pra ver Carleto e Rocca  
Na Detenção.*

O carnaval é mesmo descompromissado e imprevisível. Trinta e quatro anos depois Ângelo Delatre na embolada “Mas que Espeto” relembra os criminosos. Apenas Rocca saiu vivo da prisão após cumprir 35 anos de pena.

*Cantando noite dia  
Vou virar graveto  
Mas que espeto, mas que espeto!  
Eu me derreto  
Fico mesmo um esqueleto  
Banco até Rocca e Carleto  
Mas não paro de cantar...*

Alguns personagens conseguem apenas seus dez minutos de glória. Não têm cacife para perpetuarem-se. Isso aconteceu com o urbanista francês Alfred Agache, importado pelo prefeito do Rio, Prado Júnior, que resolvera mudar a cara da cidade. Sua intenção é aprovada por Ary Kerner na marchinha de 1927 “Seu Agache”:

*Já chegou o seu Agache  
Quem quiser que fale mal  
Vai fazer desta cidade  
Uma linda capital  
Seu Agache  
Seu Agache anda solto e preparado  
Quem for feio fuja dele  
Pra não ser remodelado.*

Leopoldo Fróes era o ator da moda nos anos 20. Bonitão, com seu charmoso sotaque lusitano siderava o público feminino. A idolatria foi bem captada por Gaudio Viotti e X.I.2 na marchinha de 1925 “Ai! seu Fróes”. O homem era tão respeitado que na partitura os autores fazem reverência: “Ao grande ator brasileiro Leopoldo Fróes, justo orgulho do Teatro Nacional com perdão da irreverência”.

*Ai, Seu Fróes  
Sob o caráter de epidemia  
Nova moléstia nos assaltou  
Cronicamente ou de forma aguda  
Froesiopatia tudo infestou  
Não há menina, não há velhota  
Bonita ou feia, mesmo canhão  
Todas palpitam, todas agitam  
E pelo Fróes mostram paixão.*

1954. Marta Rocha perde o título de Miss Universo. Duas polegadas a mais nos quadris tirou-lhe a glória. Comoção nacional. Revolta. No carnaval de 1955 ela mesma leva ao disco a marcha-desagravo “Duas Polegadas” de Alcyr Pires Vermelho, Pedro Caetano e Carlos Renato:

*Duas polegadas a mais  
Passaram a baiana pra trás  
Por duas polegadas  
E logo nos quadris  
Tem dó, tem dó, seu juiz  
Marta, Marta não ligue pra isso não  
Marta, Marta, ninguém tem o seu violão.*

Em 1968 outra Marta, a Vasconcelos, ganhou o título. Ely Santos lembrou-se dela no carnaval de 1969 com “Miss Universo”. Mas a história a esqueceu:

*Ela tem os olhinhos tão belos  
Andar faceiro e é tão gentil  
Marta Vasconcelos  
Miss Universo, Miss Brasil  
É da Bahia, de Salvador  
E os quindins de iaiá e de ioiô  
Na passarela universal também  
Mostrou ao mundo  
O que a Bahia tem.*

Hoje é comum artistas consagrados se apresentarem em teatros suburbanos, sem que isso seja considerada uma banalização. Mas pelos anos 50 era incomum. Zaquia Jorge foi a primeira vedete do teatro de revistas a ter essa visão. Sua morte, afogada, inspirou uma das mais perenes obras carnavalescas: “Madureira Chorou” de Carvalhinho e Júlio Monteiro em 1958:

*Madureira chorou  
Madureira chorou de dor  
Quando a voz do destino  
Obedecendo ao divino  
A sua estrela chamou  
Gente modesta  
Gente boa do subúrbio  
Que só comete distúrbio  
Se alguém lhe menosprezar  
Aquela gente  
Que mora na zona norte  
Até hoje chora a morte  
Da estrela do lugar.*

Ibrahim Sued, cronista social, semi-alfabetizado (utilizou sua pouca cultura com inteligência e charme), apesar de noticiar em sua coluna festanças da alta sociedade, escolher os mais elegantes e outras puerilidades era muito popular. Enriqueceu cevando vaidades de socialites, políticos e adulando poderosos. Seus bordões ficaram famosos. Ele comentava que a maioria de seus leitores era de classe mais baixa, que o liam se espelhando no universo

mundano. Anos depois Joãozinho Trinta enfatizava que “pobre gosta de luxo”. O poeta, publicitário (os mais antigos se recordam: “quando eu entro no chuveiro / Só que entra no banheiro / É o sabonete Cinta Azul” ou “Já no tempo dos barões / Era pedido nos salões / Café Moinho de Ouro”) e talentoso compositor Miguel Gustavo brincava em 1956:

*Ô Ibrahim, piu, piu!  
Ô Ibrahim, piu, piu  
Ô Ibrahim bota o meu nome no jornal  
Eu quero ser também  
Metido a “gente bem”  
Dependurado na coluna social.*

Em 1972 continua citado. Noel Carlos e João Roberto Kelly anunciam em “Bomba, bomba” uma explosão de lantejoulas:

*Bomba, bomba, bomba  
É furo sim  
O Clodô vai se casar (uai)  
Vou telefonar pro Ibrahim  
Alô, alô Ibrahim  
Dá essa bomba pra mim.*

“Na Casa do Genival” do mesmo ano, Antonio Lopes só convida pessoal badalado:

*Na casa do Genival  
Todo dia tem carnaval  
Lá comparece o Clodovil  
Clóvis Bornay e Imperial  
Armando Marques de apito na mão  
Botou o Chacrinha pra fora do salão  
Chacrinha nervoso grita:  
Quem não se comunica, se trumbica.*

Parece que 72 era o ano dos festeiros. Roberto Martins lança “Marcha dos Cartazes”, onde numa salada bizarra os representantes da Jovem Guarda se curvam ao passado:

*Alô. Alô Cidinha Campos  
Eu vou à festa na casa do Silvio Santos*

*O Roberto Carlos vai cantar “A Jardineira”  
O Wilson Simonal cantará o “Cai, cai”  
Wanderléia e Vanusa “Só na quarta-feira”  
E o Antonio Marcos “Com Jeito Vai”  
O Jerry Adriani no “Lero-Lero”  
E o Wanderlei Cardoso, “Mamãe Eu Quero”.*

O caradurismo de supostos cantores irrita Cruz e Teixeira:

*Se o Silvio Santos canta  
Também vou cantar  
Se é hora do apêlo  
Vamos apelar.*

O radialista Alziro Zarur, dono de forte empatia, por meio de doações a seu programa fundou a Legião da Boa Vontade, hoje uma bem sucedida organização de cunho social. Distribuía uma disputada sopa para os pobres. Tentou a política mas acabaram puxando seu tapete. Sebastião Gonçalves, Domenico Ferri e Dilson Doria relatam na “Marcha do Sururu” de 1966:

*Seu doutor  
Por que o Zarur  
Não pode ser governador?  
Seu doutor, a sopa é boa  
Que eles brigam, não, não é à toa  
Arranjaram um sururu  
Cortaram logo o topete do Zarur (4)*

Logo após o golpe de 64 João de Barro e Radamés Gnatalli - este talvez em incomum incursão carnavalesca - crédulos, especulavam sobre uma possível eleição democrática: “Pau no Burro” é o título:

*O Lacerda vai no bombo  
Juscelino no ganzá  
O Zarur pedindo ao santo  
Que é pra coisa “melhorá”.*

Outro radialista, Júlio Louzada, emocionava os brasileiros com sua oração da Ave Maria. Dava também conselhos aos ouvintes. Paquito e Romeu Gentil não deixaram passar. Em 1952 na voz de Roberto Paiva foi um êxito a “Marcha do Conselho”:



*A mulher do meu melhor amigo  
Me manda bilhete todo dia  
Desde que me viu ficou apaixonada  
Me aconselha seu Júlio Louzada.*

Em 1964 o coronel Américo Fontenelle, meio truculento, era o diretor de trânsito no Rio. Os desafiadores das regras passaram mal. Pneus murchos e guincho. Pedro Caetano e Alexandre Dias Filho tinham o mote que queriam para o carnaval de 65: “Todo mundo enche”. Dirigiu também o Detran de São Paulo onde foi apelidado de Kid Confusão. Se estivesse vivo iria se realizar com o novo Código Nacional de Trânsito.

*Nego não pia  
Nego não pia  
Todo mundo enche  
Fontenelle esvazia  
Dono de carro  
Estava mal acostumado  
Mas ele deixou  
Todo mundo apavorado.*

Em 1953 falou-se no Brasil inteiro em Junot Pacheco, um engenheiro que se arvorava êmulo de São Pedro, capaz de fazer chover por meios artificiais. Esforçado ele era, mas resultado nenhum. Não ficou impune. Pedro Alves, Gerson Filho e Antonio Filho destacaram o fiasco. Foi uma das poucas vezes que Elizeth Cardoso gravou para o carnaval com algum sucesso. Eis o “Ai, ai Junot”:

*Ai, ai Junot  
A sua previsão falhou  
Você prometeu chover  
Não choveu  
Que calor! Que calor! Que calor!*

O vendedor de sonhos Omar Cardoso ficou famoso e enriqueceu com seus horóscopos. Baby Santiago e Toni Chaves estavam temerosos em “Bigode de Gato” lançado em 69:

*Sexta-feira à meia noite  
Apanhou o meu retrato*

*Foi fazer feitiçaria  
No bigode do meu gato  
Já consultei o Omar Cardoso  
Ele acha essa bobagem muito grossa  
Pois se ferradura desse sorte  
Burro não sofria na carroça.*

O “saudoso” Sargentelli tem sua competência reconhecida por Odilon Reza Forte, Pafúncio e J. Canseira na folia de 1978 em “Oba, Oba”:

*Oba, oba! Oba, oba!  
Sargentelli é quem tem razão  
A mulata sambando  
Levanta a poeira do chão.*

Vamos dar uma pincelada agora por vultos de outras plagas. Buda não teve muita sorte. Otolino Lopes, William Duba e Aduato Michilis são aduladores interesseiros na marcha “Budista” de 1969:

*Eu sou budista  
Adoro o Buda  
Eu vou pedir a ele  
Pra me dar uma mulher.*

Em “Fantasia de Buda” de Ernandes Ribeiro em 1978 é motivo de duplo sentido:

*A minha fantasia ninguém muda  
Eu este ano vou sair de Buda  
Vou de Buda pra lá  
Pra rebolar  
Mas se chover o meu Buda vai molhar.*

Uma tragédia romana, com os temperos de novela mexicana é contada por Tobis, Neide Pereira e Neylor de Oliveira na marcha “Amor de César”, lançada sem sorte em 1969:

*Cesar, Cesar, Cesar  
Foi um grande imperador  
Brutus tirou-lhe a vida  
E o Marco Antonio*

*Ficou com seu amor ô, ô, ô.*

Para Athayde Machado os áulicos na corte de Júlio Cesar não eram confiáveis:

*A corte de Júlio Cesar  
Comia caviar  
E pendurava a conta  
Quando alguém ia pagar.*

O humorista Silvino Neto aliado ao talentoso Haroldo Lobo, em 1965, quem diria, são os paladinos da moralidade na marcha “Os Últimos Dias de Pompéia”:

*Ô... Ô... Ô...  
Isto aqui está dando idéia  
Mulher bebendo... mulher fumando  
Tô vendo coisas que eu nunca vi!  
Ou tá todo mundo louco...  
Ou Nero baixou aqui.*

Armando Cavalcanti e Klécio Caldas sempre criativos em “A Lua e a Colombina” interam com perfeição dois desbravadores:

*Colombo achou um novo mundo  
E o velho mundo se espantou  
Gagarin foi ao céu profundo  
Voôu... voôu... voôu...  
Também eu quero ir à lua  
Pra ver a terra toda azul  
Quero ser o Colombo dos Espaços  
Levando colombina nos meus braços.*

Nuno Roland, foi um grande divulgador de sucessos carnavalescos. Catarinense, veio para o Rio e despontou na Rádio Nacional. Gravou Pirata da Perna de Pau (1947) e Tem Gato na Tuba (1948), antológicas. Morreu pobre e no ostracismo em 1975. No carnaval de 74 teve um alento e lançou “Madame das 7 Luas” de Orlando Monelo e Osvaldo França. Nenhuma repercussão:

*A madame das sete luas  
Mora na rua*

*Que eu sou morador  
Cada dia da semana  
Ela tem um novo amor  
Para ela toda noite dá no mesmo  
Viva o amor e o vinho de Borgonha  
Francamente até madame Pompadour  
Perto dela coraria de vergonha.*

Vejam o requinte dos autores ao buscar um famoso vinho para ajudar na rima. Afinal a vizinha superava a preferida de Luiz XV. Só que injustamente esqueceram que ela não foi uma devassa e sim uma protetora das artes, a mulher mais culta da França no século XVIII.

Maria Antonieta a emproada e fútil rainha, divulgadora do uso brioche para os famintos, mesmo assim encantou Haroldo Lobo e J. Cascata no carnaval de 1940, apesar da bizarra referência aos cabelos “marron glacê”:

*Maria, Maria, Maria Antonieta  
Quando te vi pela primeira vez  
Pensei até que eu fosse um Luiz XVI  
Pois teu olhar deixou meu coração  
Em verdadeira revolução.  
Em 1785  
Não era tão linda assim  
Não tinhas cabelo “marron glacê”  
Nem lábios de carmim.*

A espanhola Caroline Otero, chamada a Bela Otero, provocava frisson no início do século em Paris. Entusiasmou o rei Eduardo VII, eletrizou D’Annunzio que a celebrava como “A Beleza Viva”. Teve os homens que quis a seus pés mas acabou indigente. Carlos Moraes e Castelo a homenagearam com “A Bela Otero”, levada ao disco em 1968 significativamente pela vedete Angelita Martinez. A música vem mostrar o interesse que os compositores tinham pela pesquisa:

*Eu quero, eu quero  
Voltar aos tempos da Bela Otero  
Mostrar ao mundo atual  
Sua beleza triunfal  
Monte Carlo a chamou  
Foi a sua atração*

*Disputaram o seu coração  
Mas tudo que a consagrou  
A roleta girando levou.*

No périplo pela França não poderia faltar “O Pequeno Corso”. Elzo Augusto e J. Saccomani dão nova interpretação ao seu cacoete com bastante humor: “Napoleão” é de 1962:

*Napoleão era o tal que na briga  
Escondia a mão e coçava a barriga  
Oba, oba, oba, Napoleão  
Também tinha mão boba.*

Dentro do surrealismo carnavalesco Geraldo Carneiro e Carvalhinho se esbaldaram, sem nenhum compromisso histórico em 1967 com “Maria Carnavalesca”:

*Maria Carnavalesca  
Fantasiou-se de madame Waleska  
E se mandou pra o Galeão  
Foi pra Paris procurar Napoleão  
Maria ficou louca na folia  
De Waterlô... ô... ô  
Nem se lembrou  
Com tanto doido dando sopa no salão  
É uma barbada encontrar Napoleão.*

Noel Rosa foi chamado de racista por ter composto um verso que dizia: “estou empenhado nas mãos de um judeu”. Assertiva inconsistente e pueril. Tenho observado um exacerbamento, quase atingindo a paranóia, um indesejável patrulhamento ao suposto politicamente incorreto. Daqui a pouco não se poderá mais contar anedota de português, árabe, judeu, matuto ou gay. Bocage se tornará intocável. Os ecologistas proibirão as do papagaio. Não gostar de pagode, música baiana e samba é discriminatório. Esse intróito foi feito em razão da música “O Inventor do Aluguel” de 1965 composta por Roberto Roberti, Walter Levita e Flora Matos. Ela foi citada por falar em Graham Bell, inventor do telefone, que teve em D. Pedro II seu garoto-propaganda. Com a alusão ao Samuel o trio de autores, hoje em dia, sem dúvida, levaria um processo nas costas. Ser acusado de “Inventor do Aluguel” é uma pecha bastante incômoda:

*Olha o Samuel, olha o Samuel  
Foi ele o inventor do aluguel  
Graham Bell inventou o telefone  
O chinês inventou o papel  
Tanta coisa boa pra inventar  
E ele foi inventar o aluguel.*

A princesa Diana de destino trágico, era personagem onírico de Beto Xis em “Lady Diana” para o carnaval de 1983:

*Oh Lady Diana  
Ontem à noite eu estava a sonhar  
Que eu era o príncipe Charles  
E com você ia me casar.*

“Bem-vindo Presidente Kenedy” é um decepcionante samba de Klécio Caldas e Rutinaldo para o carnaval de 1963 que não faz jus ao potencial dos dois:

*Deus salve América  
Unida em destinos iguais  
Deus salve Keneddy  
Mensageiro de progresso e paz.*

João Roberto Kelly com provável parceria emprestada a Ângela Maria lança em 1969 “Chê, Chê, Chê” onde reverencia o sonhador e mítico revolucionário, que dois anos antes fora vítima de um dos assassinatos mais desumanos da história. O tom divertido de salada tropical deve ter sido o artifício usado pelo inteligente Kelly para se esgueirar incólume pelos labirintos da censura do governo militar:

*Chê, Chê, Chê, Chê  
Estou louco por você  
Sou louco por ti América  
Vou levar o meu amor  
Banana lá é muito mais barata  
E não faz tanto calor.*

Preferi agrupar o pessoal da arte musical num mosaico próprio. Apenas um solitário brasileiro aparece. Caruso é destaque. O talentoso Wilson Batista

com Arnaldo Paes não se intimida em comparar-se aos maiores do canto lírico na marcha de 1939 intitulada “Tenor de Banheiro”:

*Pra você escutar esta marcha-canção  
O meu pai gastou dinheiro  
Para você me chamar de  
Tenor de banheiro.  
Modestia à parte  
Você não “toma” de arte  
Mete-me a ripa  
Eleva o Schippa (5)  
Chego a ficar confuso  
Coitadinho do Caruso  
Numa cuíca  
Desacato o tal Mojica (6)  
Dou dó-ré-mi-fá-sol-lá-si  
E quando emito meus sons  
Desacato a Lily Pons (7)*

Em 1952 ainda longe do sucesso televisivo Chacrinha gravava “A Marcha do Curió”:

*O meu curió fugiu  
Fugiu o meu curió  
Ai, ai, ai me deixou tão só  
Ai, que saudade do meu curió.  
Eu juro por Deus que não minto  
Ele comia feijoada e pão de ló  
O grande Caruso era pinto  
Papel carbono do meu grande curió.*

Pulamos um ano e lá está o tenor italiano na marcha “Grande Caruso” de Denis Brean e Osvaldo Guilherme:

*Eu sou o Grande Caruso  
Canto e não tenho rival  
Mas o pessoal despeitado  
Me chama de tenor de carnaval  
La donna é mobile, la donna é mobile  
Como é de morte um Caruso de banheiro  
La donne é mobile, la donne é mobile*

*Que vá pro Scala de Milão com seu berreiro.*

E continuam as broncas. No “O Vizinho é do Contra” Nestor de Holanda e Fernando Lobo estão na mira em 1951:

*O meu vizinho tem mania  
Do meu samba condenar  
Só tolera melodia  
Do Chopin ou do Mozart.*

“Chopin do Carnaval” marcha de 1970, permite a Carlos Cruz e Carlos Moraes mostrar a liberalidade carnavalesca:

*Perdão seu Jacques Klein  
Mas misturei Chopin com Simonal  
E ao som da pilantragem  
Eu vou pedir passagem  
Entrar no carnaval.  
Lá, rá, lá. Lá, rá, lá.  
Deixa a George Sand falar  
Porque o seu Chopin  
Não vai se zangar.*

A dupla reaparece em 71 com “A Marcha da Viúva Alegre”:

*Oh que saudade daquele tempo  
Da opereta, do Franz Lehar  
A Viúva Alegre  
Vai casar de novo, meu bem  
E mandou nos convidar.*

Na década de 40 duas mulheres faziam muito sucesso e foram carimbadas pelo autor carnavalesco. Josephine Baker, a cantora e bailarina americana é um exemplo de determinação e generosidade. Adotou crianças de várias nacionalidades. Discriminada em seu país acabou acolhida pela França, de onde, prestigiada, conquistou o mundo. Numa das visitas ao Brasil participou de um quadro musical com Grande Otelo onde cantavam “Boneca de Pixe” de Ary Barroso e Luiz Iglésias. A importância histórica desse número é que pela primeira vez um grupo de negros se apresentava para a elite acompanhando a dupla. Entre eles Geraldo Pereira (Autor de “Escurinho”, “Falsa Baiana” e Marçal de “Agora é Cinza”). “Bole Bole” de



José Gonçalves (ainda não era conhecido como Zé da Zilda) e Caio Ferreira explica que o remelexo não é pra qualquer um: (8)

*O bole bole que o samba tem  
É que faz a gente perder a razão  
Quando a cabrocha sapateia bem  
A gente esquece até da obrigação  
A Josephina veio lá da França  
Cheia de esperança  
De ir muito além  
Chegou, perdeu logo o controle  
Com o bole bole que o samba tem.*

Lucienne Boyer, cantora francesa surgida na década de 30 também tinha fama em nossas plagas. O cômico Lauro Borges, travestido, imitou-a cantando no filme Abacaxi Azul de 1944 uma paródia de “Tico-tico no Fubá” com o nome de “Tique-tique dans le fubé”. Sua criação “Parlez-mois d’amour” internacionalizou-se. Marília Batista e seu irmão Henrique entregaram a Araci de Almeida em 1941 a ferina e engraçada “Menina Fricote”:

*Não sei que doença deu na Risoleta  
Que agora só gosta de ouvir opereta  
Está cheia de prosa, cheia de vaidade,  
Cheia de chiquê  
Não canta mais samba  
Só quer imitar a Luciene Boaiêr: “Parle moá d’amur”  
(Só quer larjan, larjan, tujurs)  
Não sabe ler e só quer gastar francês  
E diz que despreza quem só fala português*

A arte literária também faz parte do painel carnavalesco. Em “Calúnia” de 1947 Wilson Batista e Erasmo Silva lamentam a partida da amada devido a fofoca:

*Ela vive em outros braços  
E por isso se interessa  
Dar ouvido ao que o povo diz  
Não há vinho que embriague  
Como a verdade  
Estou de acordo com Machado de Assis.*

A morena Gabriela de Jorge Amado povoou o imaginário brasileiro em 1976. Max Nunes e Laércio Alves suspiravam:

*Lá vem ela  
Gabriela, cravo e canela  
A rua se enche de gente  
Quando ela chega à janela  
Com seu cheirinho de cravo  
Com seu sabor de canela.*

Sem nenhuma imaginação Bob Júnior, Isnard Simone e José Brasil a incensaram na marcha “Gabriela”:

*Joga água pra apagar o fogo dela  
Cuidado com a Gabriela  
A Gabriela é uma curtição  
Tá pegando fogo no meio do salão  
A Gabriela não é cravo, é canela  
Água, água, água pra apagar o fogo dela.*

O polêmico mas incontestavelmente brilhante Nelson Rodrigues leva uma bronca de Brazinha e David Raw na marchinha “Na mulher não se bate” de 64. Uma ressalva: essa terapia paleolítica receitada por Nelson “toda mulher gosta de apanhar” nem original é. O satírico Pitigrilli muito antes já dizia: não se deve bater numa mulher pois há o perigo de que se acostume e nos exija sempre”.

*Seu Nelson Rodrigues  
Pára de tanto falar  
Mulher que é mulher  
Não gosta de apanhar  
Falar da vida alheia  
É coisa muito feia  
Não seja linguarudo  
Não seja falador  
Na mulher que pra nós é tudo  
Não se bate nem com uma flor*

Em 1976 ainda carrega o estigma de reacionário, mas Alipio Martins e Geraldo Barbosa são aliados quando tomam atitude no samba “Vou começar a bater em mulher”:

*Vou começar a bater em mulher  
Vou começar a bater em mulher  
Elas adoram  
Ser maltratadas  
Elas só gamam  
Se um dia apanhar  
Se estão certas, se estão erradas  
Nelson Rodrigues é quem vai explicar.*

As obras, autores e personagens da literatura estrangeira estão muito mais documentados no arquivo da cantiga de carnaval. Wilson Batista não poderia faltar. Surge num divertido *mixed* com Arnaldo Paes. “As Pupilas do Senhor Bocage”. Um samba do crioulo doido só que muito consciente. Lançado em 1939.

*Este ano o meu cordão  
Vai fazer um furor  
Vem seu Bocage, Dona Severa  
E as pupilas do Senhor Reitor  
Alma minha gentil que te partiste  
Que te partiste em boas condições  
De idéia mude  
Que em Hollywood (é só)  
Branca de Neve e os Sete Anões.  
Ó tu que tens de humano o gesto e o peito  
Criaste fama, deitaste na cama  
Não é mentira  
Dançando o vira  
O seu Cabral e o seu Vasco da Gama.*

Em 1950 Wilson Batista com Nássara exercitava sua veia literária. Todo mundo cantou “Balzaquiana”, apologético à mulher de trinta anos, inspirado no romance de Balzac. Era uma reação à popularidade do termo “broto” ou “brotinho” dado aos jovens:

*Não quero broto  
Não quero, não quero não*

*Não sou garoto  
Pra viver na ilusão  
Sete dias na semana  
Eu preciso ver  
Minha balzaqueana  
O francês sabe escolher  
Por isso ele não quer  
Qualquer mulher  
Papai Balzac já dizia  
Paris inteiro repetia  
Balzac tirou na pinta  
Mulher, só depois dos trinta.*

Só catorze anos depois veio através de Osvaldo Guilherme e Denis Brean a resposta em “Balzac Disse”, a favor das hoje “gatinhas”:

*Balzac disse que a mulher de trinta anos  
É mais formosa, tem encanto e sedução  
Mas se ele visse os brotinhos de hoje em dia  
Ficava louco e perdia a razão  
Ai balzaqueana  
A vida é uma roda  
Quem manda agora é broto  
Balzac saiu de moda.*

Outro francês, Flaubert, teve sua heroína lembrada também em 1964 pela dupla Klécio Caldas e Armando Cavalcanti. “Salambô” mostrou que Elizeth Cardoso não era íntima de Momo:

*Ô - lê - a - ô  
Só um cego não vê  
Meu destino é você  
Salambô! Salambô!  
O que foi que eu lhe fiz  
Pra perder seu amor  
E viver infeliz.*

A sofrida e infeliz Marguerite Gautier, a “Dama das Camélias” de Alexandre Dumas Filho é uma personagem literária inesquecível, responsável pelo carpir de milhões. Verdi a idealizou como sua Violetta em “A Traviata”. No teatro perde-se a conta de quantas vezes foi representada. Com o cinema

mais pranteada ainda. A inspiradora de Dumas existiu por quem ele foi apaixonado. Assim a descreveu: “alta, cabelos negros, face rosada, olhos orientais e os mais belos dentes do mundo. Uma estatueta de porcelana”. Chamava-se Maria Duplessis e não tinha nada de ingênua ou romântica. Nunca quis abandonar seus amantes ricos para ficar com Dumas. Seu verdadeiro amor foi o então jovem e belo Listz. O carnaval se aliou ao celebratório. Uma das mais belas marchas de nosso cancioneiro chama-se “Dama das Camélias”, vencedora do concurso carnavalesco da Prefeitura do Rio em 1940. Os autores são Braguinha e Alcyr Pires Vermelho. Este último me contou em entrevista que na juventude se emocionara com o romance e ao assistir o filme com Greta Garbo ficou com a idéia plantada em sua cabeça. Não sossegou até colocar a melodia na pauta e levá-la ao parceiro “que ficou numa loucura total”.

*A sorrir você me apareceu  
E as flores que você me deu  
Guardei no cofre da recordação  
Porém depois você partiu  
Pra muito longe e não voltou  
E a saudade que ficou  
Não quis abandonar meu coração.  
E a minha vida se resume  
Ó Dama das Camélias  
Em duas flores sem perfume  
Ó Dama das Camélias.*

Em 1975 ressurge na “Marcha da Traviata” de Carlos Moraes:

*A Traviata, a Traviata  
Tão passional, não teve paz  
Amou demais  
Morreu no carnaval  
Foi Dama das Camélias  
Lida e relida em outra versão  
Mas Violeta ou Margarida  
Ela foi uma mulher de coração.*

Shakespeare nos legou o mais pranteado suicídio em dueto da literatura mundial: Romeu e Julieta. A romântica cena do balcão não deixou boas recordações para o Romeu carnavalesco, personagem da marcha “Bronqueia Romeu” de 1956:

*O Romeu coitado  
Passou a noite de sentinela  
Apanhou um resfriado  
E a Julieta não veio à janela.  
Bronqueia Romeu, bronqueia  
Bronqueia que eu dou razão  
Aquela ingrata estragou a serenata  
E te deixou na mão.*

O insípido “Romeu e Julieta” de Jackson do Pandeiro, sua então esposa Almira e Sebastião Martins surge em 1965:

*O que é meu é teu , o que é teu é meu  
Tu és Julieta e eu sou Romeu  
Feliz de alguém que nunca sofreu  
Tu és Julieta e eu sou Romeu.*

O padrão é outro quando os compositores possuem talento e graça. Isso se evidencia em “Romeu e Julieta” de Max Nunes e Laércio Alves, gravado por Blecaute em 1975:

*Romeu e Julieta, que coisa mais careta  
Mais careta, mais careta  
Que coisa mais careta.  
Romeu andava a pé  
Nem tinha motoneta  
A saia até o pé usava a Julieta  
Os dois se apaixonaram  
A coisa ficou preta  
Então se suicidaram - Oh!  
Que coisa mais careta.*

Só a vaidade justifica o empenho de certos autores em gravar (imagino que pagando) obras indigentes sem nenhuma perspectiva de êxito. É o caso de Pepino Carnale com sua “Marcha do Demo” de 1988. Entra aqui pela alusão ao Capitão Nemo, indômito herói de Júlio Verne em “Vinte Mil Léguas Submarinas”:

*Não foi por falta de aviso  
Não foi por falta de alarde*

*Agora na chama do inferno  
Seu corpo arde  
Já dizia o Capitão Nemo  
- Cuidado com o Demo.  
Já dizia Pero Vaz  
- Cuidado com o Satanás.*

Apesar de não se enquadrar no tema que abordamos tornou-se irresistível para mim citar outra marcha do “inspirado” Carnale. Tem o brilhante título de “Pipi Popo”:

*Seu popo no meu pipi  
Seu pipi no meu popo  
Meu pipi no seu popo  
Meu popo no seu pipi  
Pipi, popo  
Popo, pipi  
Pipi, popo  
Popo, pipi  
Ai!*

Mary Shelley nunca imaginou que seu “Dr. Frankenstein” se tornaria tão popular. No carnaval virou sinônimo de feiúra. Noel Rosa em certa época manteve um duelo musicado de alto nível com Wilson Batista, que só acabou quando este espicou o complexado Noel dizendo num dos sambas: “Boa impressão nunca se tem / Quando se encontra um certo alguém / Que até parece o Frankenstein”. José Fernandes e Miguel Baúso em “Você não é meu tipo” de 37 descrevem um bagulho capaz de assustar o monstro:

*Quando Frankenstein lhe viu  
Muito assustado ele gritou:  
- Você pediu licença  
Pra ser feia e... abusou.*

No ano seguinte Walfrido Silva e Pedro Caetano dão uma lambada na pose do suposto galã:

*Você além de tudo é convencido  
Que tem lindo olhar, que sabe conquistar  
Com essa cara parece o Frankenstein  
Pode desistir das pequenas também.*

Dez anos depois retorna com Gino de Moraes em “Que Medo... Oh!”:

*Sai assombração  
Isso não é cara  
Que se apresente em salão  
Essa fachada que você tem  
Causa pavor  
Até no próprio Frankenstein.*

Tarzan nasceu da pena de Edgar Rice Burroughs em 1914. Quatro anos depois já estava nas telas com Elmo Lincoln, meio gorducho. Deslançou mesmo quando teve como protagonista Johnny Weissmuller, bicampeão olímpico de natação. De 1941 é “O Grito das Selvas”, marcha de Wilson Batista e Garcez. O folião, admirador do Rei das Florestas, numa atitude nacionalista resolve soltar seu berro terceiro-mundista por aqui mesmo:

*De um tapete fiz um traje de Tarzan  
Você de sarong ficou um colosso  
Eu vou, eu vou, eu vou  
Com meu amor  
Au, i i i ii é ( o grito das selvas)  
Nas selvas de Mato Grosso.*

Roberto Andrade e José Guimarães estavam bravos com algum desafeto e aproveitaram o carnaval para desopilar. Na marcha racista “Aquele Tipo” de 1967 não mediram palavras para comparar o “tipo” a um macaco:

*Não sou de descer o malho  
Aquele tipo não é de ninguém  
Só desfila nos filmes de Tarzan  
Pulando de galho em galho  
Desconfia orangotango  
Pra você  
Nem a Chita tá sorrindo.*

Os personagens da literatura infantil e juvenil têm um forte apelo, povoando e encantando o imaginário do compositor carnavalesco. Começemos com “As Mil e Uma Noites”. Dela pinçamos Simbad, o marujo. Infelizmente tenho que voltar à “Marcha do Demo”:



*Já dizia Lamartine Babo:  
- Cuidado com o Diabo  
Já dizia Simbad, o marujo:  
- Cuidado com o DITO CUJO.*

Nelson Gonçalves era o destemido “Simbad, o Marujo” em 1953 na marcha dos competentes Haroldo Lobo e Milton Oliveira:

*Eu sou o marujo  
Das Mil e Uma Noites  
Mercador de Bagdá  
Da briga e do mar eu não fujo  
Eu sou o marujo Simbad.*

Bem bolada é a marcha de Arlindo Marques Jr. e Roberto Roberti para o carnaval de 1937, “Ali Babá”:

*Ali, Ali Babá, Ali, Ali Babá  
Ali Babá e seus quarenta ladrões  
Formaram um bloco iaiá  
Pra dançar uma quadrilha nos salões  
Achei a chave, a chave do tesouro  
Que há muito tempo eu vivo a cobiçar  
É só dizer baixinho ao seu ouvido  
ABRE-TE SÉZAMO que eu quero entrar.*

É desmoralizado em 1940 por J. Cascata e Haroldo Lobo que lhe dão um chega pra lá em “Ali Babá num Pangaré”:

*Ô, ô, ô, aí vem o Ali Babá  
Ô, ô, ô, Ai meu Deus o que será  
Ele vem na frente montado num pangaré  
Vem sem capa e sem culote  
De cabelo a buscarré (9)  
Si ele vem com aquela papa  
Que a pedra tem que abrir  
Oh meu velho Ali Babá  
Vá pra casa dormir.*

Recebe o apelo de Magda Santos e José Saccomani em 1952. Se atendeu frustrou-se. A turma continua enchendo as algibeiras, metendo a mão, até hoje:

*Ali, Ali, Ali, Ali Babá  
Ali, Ali, Ali venha pra cá  
Você matou quarenta ladrões  
Mas aqui tem aos milhões.*

Aladim luziu com sua lâmpada que virou “Lanterna de Aladim” na concepção de Haroldo Lobo e David Nasser. Faltou uma luzinha de inspiração aos experientes compositores. A fracota marchinha foi gravada por Araci de Almeida para o carnaval de 1950:

*Eu procurei mas achei  
O amor que perdi em Bagdá  
Ó Alá, Ó Alá  
Não adianta fugir de mim  
Até em Pequim eu vou te buscar  
Tenho a lanterna que foi de Aladim  
E tudo eu posso encontrar.*

Isaurinha Garcia manda uma mensagem em “Aladim” de Herivelto Martins e Raul Sampaio, propondo uma permuta tentadora em 1951:

*Muita gente não conhece o Aladim  
E sua lâmpada maravilhosa  
Dessas lâmpadas que não se encontram em armazém  
Que só ele tem  
Só ele e mais ninguém  
Ó egoísta oriental  
Eu sou um Aladim de carnaval  
Tenho uma lâmpada de funileiro  
Porém lhe falta o gênio feiticeiro  
Aladim, Aladim  
Vem trazer esse tesouro para mim  
Em troca lhe darei no outro carnaval  
Uma cabrocha, um pandeiro e um tamborim.*

D. Baratinha é um dos mais populares contos infantis e não poderia escapar do rol carnavalesco. Os interesseiros candidatos a desposar a nova-

rica são descritos por Max Bulhões e Felisberto Martins numa marcha de 1940: “A Baratinha”.

*A baratinha, baratinha  
Viuvinha original  
Ao varrer sua casinha  
Encontrou o vil metal  
Ficou pasmada  
Pensou logo em namorar  
Foi dizer à bicharada  
Que queria se casar  
Não quis Romão  
Por fazer miau, miau  
E o vira-lata  
Por ser um cachorro mau  
Gostou do pato  
Do marreco e do peru  
Mas fugiu com o rato-rato  
Que roeu o meu baú!*

Para Antonio Almeida a emergente preferiu a solteirice. Como a composição anterior perdeu-se um bom tema numa letra quilométrica e tola. Com razão ninguém a cantou em 1950:

*A baratinha ao varrer sua casinha  
Achou um níquel de tostão  
Lá no fundo do quintal achou um outro  
Depois mais outro  
E juntou uma porção  
E a coitadinha, que vivia tão sozinha  
Saiu a procurar  
Quem queria se casar  
Quem quer casar comigo, oi quem quer  
Quem quer casar  
Como é que você faz leão? Ú, ú, ú  
Como é que você faz peru? Glu, glu, glu  
E a pobre Baratinha então  
Chegou à conclusão  
Que o casamento não é negócio não!  
Desanimada resolveu se conformar  
Pra viver em paz*

*O melhor é não casar.*

Zilá Fonseca, Adilson Silva e Aloisio Vinagre em 1966 foram fiéis à história (Nunca entendi como com um final tão catastrófico foi uma das favoritas do público infantil):

*Coitada da Baratinha  
Achou tanto dinheiro  
Foi guardando na caixinha  
Ela arranhou um casamento  
Casou com João Ratão  
Mas ele era guloso  
Morreu no caldeirão de feijão.*

“A Bela e a Fera” é contada com humor por Júlio Cesar, José Roy e Moreira da Silva em 1964:

*A Bela e a Fera  
Foram no bosque passear  
Veio um caçador, caçou a Bela  
E a Fera ficou sem par  
Até hoje a Fera espera  
Aquela que era o seu amor  
Mas A Bela está cheia de alegria  
Gostou da pontaria  
Do caçador...*

Gilles De Montmorency, marechal de França. Um ilustre desconhecido. O escritor e arquiteto francês Charles Perrault tirou-o do anonimato. Pesquisadores não têm dúvida que o conto “Barba Azul” inspirou-se nas peripécias deste abastado nobre. O cara não era de brincadeira. Matou sete esposas por achá-las excessivamente curiosas. Andou também fazendo churrasquinho de crianças em seu castelo. Acabou condenado à morte, queimado vivo. O carnaval não deixaria escapar personagem tão rico. Oswaldo Santiago parece invejar o sucesso do barbado junto às mulheres, torcendo para que leve umas bordoadas na marcha de 40:

*Você tem uma na zona norte  
Você tem duas na zona sul  
Enganar todas é seu esporte  
Barba Azul! Barba Azul!*

*Seria bom você levar  
Um bofetão, uma lição  
Pra dar valor ao amor  
Inda hei de ver  
Seu Barba Azul  
O pau comer nas suas barbas  
E arder!*

Nássara e Roberto Martins fazem uma alerta em 1951 contra o perigoso barbudo:

*Garotas da zona norte  
Garotas da zona sul  
Quem tem um santo forte  
Cuidado com o Barba Azul  
Barba Azul fugiu de Paris pra cá  
Cansou de matar por lá  
Beijou, gostou, casou, matou  
Quem teve sorte escapou.*

Perrault não ficou por aí. Emplacou outros sucessos. “A Bela Adormecida” é um exemplo. Os sempre hospitaleiros carnavalescos acolheram-na na marcha de 1976, criada por Isnard Simone e Milton Damazio:

*Eu acordei a Bela Adormecida  
Abriu os olhos que eram lindos de morrer  
Quando me viu ficou logo apaixonada  
Por isso agora não quer mais adormecer.  
Ela tem beleza natural  
Diz que acordou e quer brincar o carnaval.*

Mas ficou mesmo com a bola cheia com Cinderela. Enriqueceu um bocado de gente que bebendo em sua fonte fizeram filmes, escreveram lacrimosos livros e novelas de rádio e TV, onde as sonhadoras mulheres continuarão sempre à espera de um príncipe pelo menos remediado. Avaré de Menezes, Ercílio Consoni e Aristóteles Silva em 1968 contam a história em poucas palavras:

*Cinderela, Cinderela  
A Gata Borralheira*

*Não queriam que ela fosse ao baile  
Mas ela foi de qualquer maneira  
Depois fugiu do salão apressada  
Perdeu o sapatinho na escada,  
E a história teve seu final  
Com a Marcha Nupcial.*

Bem feita é a letra de “Cinderela do Morro” de Dewett Cardoso e Jonas Garret para o carnaval de 1968. Cantada com enorme competência pela já então inexplicavelmente relegada Linda Batista, não foi notada:

*Cinderela lá no morro  
É a lavadeira Maria  
Lava roupa, passa roupa o ano inteiro  
Pra ser princesa do carnaval brasileiro.  
Chuá, chuá, chuá  
Quanto esplendor naquele vestido de prata  
Maria é destaque da noite multicolor  
Mas quanta água, doutor, carregou  
O morro vai sonhar quatro dias  
E a Cinderela volta a ser Maria.*

Já em 1976 juntam-se quatro: José Costa, Gilberto Montenegro, Jean Pierre e Arga, que desperdiçaram, para produzir algo tão pífio como “Boa Noite Cinderela”:

*Boa Noite Cinderela  
Vim te buscar pra brincar o carnaval  
Esta noite Cinderela  
Você é minha convidada especial  
O baile no castelo vai até romper o dia  
A Gata Borralheira vai rasgar a fantasia.*

Os Irmãos Grimm, filólogos alemães, coletaram pacientemente lendas, durante 13 anos, que denominaram “Contos de Fadas”. Não conseguiram editar e escreveram a um amigo já desesperançados: “Se puderes persuadir algum editor a publicar os contos infantis que colecionamos, peço-te que o faças. Estamos dispostos a renunciar a qualquer retribuição. Pouco importa que o papel seja bom ou ruim”. Entre as histórias recusadas estavam Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho. Os irmãos foram descritos como pessoas soturnas que levavam uma vida insípida, sem nenhuma convivência com

crianças. Os Estados Unidos volta e meia surpreendem com seu falso moralismo conservador. Na cidade de Empire a história do Chapeuzinho foi banida das escolas. Não é piada. O argumento foi que ela “induzia ao alcoolismo” porque na cesta que a garota levava para a avó além de frutas e doces, havia uma garrafa de vinho. Foi muito popular no carnaval. “Marcha do Lobo Mau” é de 1966, composta por Célio de Almeida e Marisa Innocenti:

*Ai se eu fosse o Lobo Mau  
Veja você  
Convidava o Chapeuzinho Vermelho  
Pra dançar o Iê, iê, iê.  
Eu sou o Lobo Mau  
Lobo Mau, Lobo Mau  
Quero um brotinho  
Pra brincar no carnaval.*

Pouca inspirada como “Chapeuzinho Vermelho” de B. Lobo e J. Nunes:

*Chapeuzinho Vermelho  
Olha o Lobo Mau  
Ele quer te pegar  
Pra fazer mingau.*

Plágio descarado é a marcha “Lobo Mau” lançada em 1971 por Alfredo Borba e A. Gomes:

*Eu sou o Lobo Mau  
Lobo Mau, Lobo Mau  
Eu quero um brotinho  
Pra fazer mingau.*

O fascínio do conto merecia mais originalidade. Brazinha, um compositor consagrado e Emilinha a criadora não tiveram nenhum constrangimento ao surgir em 1973 com “Chapeuzinho Vermelho”, um descartável:

*Chapeuzinho Vermelho  
Cuidado com o Lobo Mau  
Se ele lhe pega, menina  
Lá se vai seu carnaval*

*A mamãezinha mandou você  
Levar bolinho pra vovozinha  
Você foi pro mato apanhar florzinha  
Aí, chegou o Lobo Mau  
E lá se foi seu carnaval.*

“Seu Lobo Taí” do maestro Pernambuco e Tito Mendes com Carequinha esganiçando é dispensável:

*Seu Lobo é um bobo  
Paquera o meu amor  
Espingarda a tiracolo  
Lá vou eu (pum) de caçador.*

Quando se cobra de compositores mais credenciados passagens inexpressivas pelo carnaval, saem pela tangente justificando que “foi apenas uma brincadeira”. Como dizia o Chacrinha, com sabedoria “tudo se copia”. A marcha “Lobo Mau” de 71, já era carbono e a antecessora, por sua vez, sugara de composição homônima de Braguinha e Antonio Almeida apresentada no carnaval de 1951:

*Eu sou o Lobo Mau, Lobo Mau, Lobo Mau  
Eu pego esses brotinhos  
Pra fazer mingau  
Hoje estou contente  
Vai haver festa  
Tenho um bom brotinho  
Pra encher a minha pança.*

Em “Branca de Neve”, marcha de 1939, Benedito Lacerda e Herivelto Martins, vejam o que faz o amor, assumem o nanismo e ainda solicitam uma tarefa bem pesada à cegonha:

*Oh minha Branca de Neve  
Eu hei de ser o teu anão, anão, anão  
E se tu fores da mesma opinião  
Te darei um castelo  
Dentro do meu coração  
E mais tarde princesinha  
Pra evitar complicações  
Eu pedirei a uma cegonha*



*Que me venha trazendo os sete anões.*

Benedito Lacerda gostou do tema. No mesmo ano com Angelo Delatre compõe “Os Sete Anões” onde critica uma musa insaciável:

*O que você diz não se escreve  
Porque traz complicações  
Você não é Branca de Neve  
E quer mais de sete anões!*

A fábula da cigarra e a formiga foi reciclada por José Maria de Abreu e Francisco Matoso no carnaval de 1938, em “Duas Cigarras”:

*Uma cigarra  
Vivendo na farra  
Sempre cantado lá, lá, lá, lá  
Ficando pobre  
Pedi o “cobre”  
A uma formiga má.  
A cigarra implorou: me dá cá... me dá cá!  
E a formiga falou: toma lá... toma lá,  
Você quis farrear  
Você soube cantar  
Vai agora dançar!  
E você também farreou... farreou  
Sem lembrar de alguém que lhe amou... que lhe amou  
Se hoje me procurar  
Para eu lhe ajudar  
Não vai me encontrar  
Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá.*

Jonathan Swift foi uma figura polêmica. Político, religioso, poeta, ensaísta, sempre em riste. Satirizou a sociedade inglesa e fez um libelo contra a humanidade no seu livro mais famoso: “As Viagens de Gulliver”, que surpreendentemente se popularizou como literatura juvenil. Sá Roriz e Alcyr Pires Vermelho embarcaram na versão cor-de-rosa em 1935 com “Um Sonho que Viveu”:

*Num sonho que eu sonhei  
Em Lilliput me encontrei  
Na terra dos anões*

*Que bela vida eu passei  
Era uma gente gozada  
E logo em torno de mim  
Os anõezinhos pulando  
Alegres cantavam assim:  
Trá, lá, lá, lá, lá, lá.*

Pinóquio é eterno. A obra de Collodi era considerada uma obra prima, um clássico por Italo Calvino. Em 1980 num simpósio na Itália chegou a ser apresentado como uma alegoria da vida de Jesus. A marcha “Pinóquio” de Avaré gravada em 52 pela dupla sertaneja Xerém e Bentinho é pouco consagrada:

*Eu sou o Pinóquio  
O boneco que é feito de pau, pau, pau  
Eu sou o Pinóquio  
Quem me fez foi seu Nicolau, lau, lau, lau  
Falo papai, falo mamãe  
Toco até berimbau.*

Das obras nacionais apenas localizei a marcha absurda de 1951 “Cri-Cri”, onde há referência ao Marquês de Rabicó, nobre leitão, personagem do Sítio do Pica-pau Amarelo:

*Fui passar o carnaval lá na fazenda  
Do marquês de Rabicó  
Muita dança, meu bem  
E pif-paf também  
E café com leite em pó.*

As figuras do esporte também atraíram os criadores carnavalescos. Um exemplo é a “Marcha do Golpe” de Antonio Almeida e Frazão de 1956. Cita Hélio Gracie e Waldemar. Hélio foi o introdutor com seu irmão Carlos do jiu-jitsu no Brasil. A terceira geração continua com destaque. São campeões mundiais de luta e prestam assessoria nos filmes do imbatível Van Damme. Waldemar Santana, um negro parrudo, foi cria dos Gracie. Mais tarde desavieram-se e desafiou Hélio para um embate sem número de rounds nem tempo fixados. Houve enorme cobertura da mídia, sacudindo o país todo. Durou horas, até que Hélio, com metade do peso se rendeu exaurido:

*Você quis me dar um golpe*

*Mas eu soube me esquivar  
Já lutei com Hélio Gracie  
Já briguei com Valdemar.*

O Brasil é carente de ídolos. Eder Jofre manteve em alta a auto-estima do povo com sua garra e técnica extraordinárias. Mauro Barcelos e Glauco Ferreira festejam seu título em “O Galo de Ouro”, marcha lançada em 1961:

*Viva o Galo de Ouro  
Viva o nosso campeão  
Viva o lutador Eder Jofre  
Que voltou com o título na mão.  
O mundo inteiro vibrou  
Com a sua atuação  
Foi o Brasil quem ganhou  
Mais um título de campeão.*

Porém o catalizador de emoções é mesmo o futebol. Os craques se transformam em pessoas especiais, acima do bem e do mal, adorados mesmo quando transgressores. Quando surgiu entre nós, em 1894, era elitista, cheio de Pullens, Murrays e outros gringos, mesclados a poucos brasileiros ricos e alvos. A democratização deu sinais de vida em 1919 com o aparecimento de um jogador genial, mulato claro, filho de alemão. Com Friedenreich eclodia o primeiro ídolo tupiniquim. Foi, entretanto, apenas um alento. Em 1921 o presidente Epitácio Pessoa manifesta-se contra a presença de “cidadãos de cor” na seleção. Oswald de Andrade o acusava de alienante: “Quem negará ao futebol esse condão de catarse circense com que os velhos sabidos de Roma lambuzavam o pão triste das massas”. Não se poderia esperar outra coisa do escritor que apregoava ser a estupidez “a suprema expressão de brasilidade”. Mas entre os letrados havia entusiastas como Gilberto Freyre: “O futebol brasileiro é uma forma de dança em que a pessoa se destaca e brilha. O mulato brasileiro deseuropeizou o futebol, dando-lhe curvas arredondadas e graça de dança”. Manuel Bandeira era torcedor e criticava chamando de araras (hoje seriam babacas) os posudos que não percebiam “que esses movimentos coletivos hão de por força ter um significado mais profundo do que aparentam”. A citação de astros do futebol na MPB é antiga. O belíssimo choro de Pixinguinha 1x0 foi dedicado em 1919 ao já citado Friedenreich que marcou o gol da vitória no campeonato sul-americano. Leônidas, o inventor da acrobática bicicleta, que batizou o famoso chocolate Diamante Negro aparece em várias obras. Zizinho, Perácio, Tim, Carreiro, Russinho e outros, idem. Mas estamos falando de carnaval e neste os personagens tomaram

impulso após a conquista da Copa de 1958, na Suécia. Às vezes pingava alguma coisa como em 1946. Um dos ídolos do Vasco era Lelé. Wilson Batista, flamengo doente, com Garcez estourou na voz da Linda Batista a marcha “Boteco do José”. Há pouco tempo o Vasco reuniu velhos jogadores para uma homenagem. Lelé ganhou de presente uma fita com a música e chorou:

*Vamos lá que hoje é de graça  
No boteco do José  
Entra homem, entra menino  
Entra velho, entra mulher  
É só dizer que é vascaíno  
Que é amigo do Lelé.*

Em outras ocasiões apareciam em grupo. Paulo Sammariano em 1960 esnoba os marmanjos em “Jogo de Vedetes”:

*Acabou o cartaz de seu Mané  
E do Belini nem se fala mais  
Acabou o cartaz do seu Pelé  
E o Didi nem saudade faz.  
Agora o cartaz é das Conchitas  
Que tem pernas bonitas  
Pra gente ver  
E o juiz escuta o que não quer  
Quem mandou se meter em jogo de mulher.*

Antes de ser “dissolvido” do comando da seleção de 1970, por ter se recusado a convocar o jogador Dario, preferido do presidente Medici, João Saldanha era louvado por Armando Castro, Nilsen Ribeiro e Natal de Lima na marcha “Com Olé, ou Sem Olé”:

*Com Saldanha não tem olé  
Porque tem Tostão, porque tem Pelé  
Com as feras não há quem possa  
Com olé ou sem olé a Copa é nossa.*

Após a vitória em 1971 Pilombeta e Rouxinol se aproveitam para praticar o puxa-saquismo explícito:

*Lá na capital Asteca*

*Quase morri de emoção  
Vendo as morenas gritando  
Brasil é tri campeão  
Aí Pelé, aí Tostão  
É da terra do café  
É da terra do algodão  
Bem falou meu presidente  
Esse país é pra frente  
Ninguém segura essa gente  
Ninguém pára essa nação.*

O enfermeiro preencheu a guia para o IML. Nome: Manoel da Silva. Nacionalidade: desconhecida. Era dia 20 de janeiro de 1983. Findara-se corroído pela cirrose aquele que uns diziam “chapliniano” e outros chamavam de “Anjo Torto”. Na verdade o cidadão chamava-se Manoel dos Santos e tinha um apelido que o projetara no mundo: Garrincha. A “Alegria do Povo” não poderia faltar no festivo carnaval. Wilson Batista, Jorge Castro e Nóbrega teciam justo panegírico em 1959 na marcha “Mané Garrincha” gravada por Angelita Martinez:

*Mané Garrincha, Mané Garrincha  
Até hoje meu peito se expande  
Mané que brilhou lá na Suécia  
Mané que nasceu em Pau Grande  
Não é só café  
Que nós temos pra vender  
Brilha, brilha Mané  
Para o mundo inteiro ver.*

Em 1964 Edson de Oliveira e Francisco Oliveira fazem referência ao romance com a cantora Elza Soares: “Tutuca da Sambista”:

*Ga-Ga-Ga Garrincha  
Agora é o tutuca da sambista  
Ele é bom jogador  
Trocou tudo por amor  
Ga-Ga-Ga Garrincha (etc)*

Ao insuperável Mané só se ombreia o insuperável Pelé. Alguns cronistas acreditam que a indigestível notoriedade do “Atleta do Século” espoliou emocionalmente Garrincha no seu ostracismo. Foram muito

diferentes menos na genialidade e na completa indiferença pela política. Pelé sempre enfatizou que esporte e política eram insolúveis. Dentro dessa concepção jogou no auge da segregação racial em países colonizadores e em festividade patrocinada pela ditadura de 64. Até então se mostra coerente. Inesperadamente algo modifica seu metabolismo e dá uma bombástica declaração de que o brasileiro não sabe votar. Sobe em palanque apoiando um candidato a prefeito em Santos. Por fim aceita ser ministro. Bem, voltemos ao carnaval e ao futebol. Em 1961 Álvaro Matos, Delfim Gonçalves e Sebastião Veral proclamam sua atividade de garoto-propaganda na marcha “Pelé”:

*Pelé... Pelé... Pelé... Pelé...  
Bota a pelota no centro  
Agora vai vender café.  
O mundo é uma bola  
Que gira no ar  
Platéias imensas  
O teu nome a chamar.*

Wilson Batista, Jorge de Castro e Luiz Wanderley compõem a marcha “Rei Pelé” que ainda faz referência à sua militância como propagandista do IBC (10) e nem imaginavam que maus negócios o levassem a encerrar a carreira em 1977 nos Estados Unidos, sem nenhuma tradição futebolística. A obra é de 1962:

*Mamãe me leva no Maracanã  
Numa tarde linda de sol  
Quero ver, eu quero ver  
Um rei jogar futebol  
Rei Pelé vamos tomar um café (bis)  
Rei Pelé que brilhou na Suécia  
Rei Pelé fez sucesso no Uruguai  
Rei Pelé mora em Vila Belmiro  
Rei Pelé do Brasil não sai.*

“Rei Pelé” de Nelson Sampaio apesar do entusiasmo em 1966, não conseguiu sacudir nossa bisonha seleção enviada à Inglaterra. Observem o primeiro verso que é um primor:

*Carnaval de AMOR VIRIL  
Vibra a torcida com fé!  
Pelo tri para o Brasil*

*Com rei Momo e rei Pelé.  
Vai lá Pelé  
Bola na rede  
Apanha Zé (Pois é...)  
Quero ouvir Mister John Bull  
Exclamar sonoro e belo  
Black King Wonderfull  
Sangue azul, verde-amarelo!*

A decisão de se afastar da seleção preocupava os brasileiros em 74, ano de Copa. Minino Jim e Doca repassaram isso para o samba “Volta Pelé”:

*Palavra de rei (eu sei)  
Não volta atrás  
É o povo quem quer  
Olha o povo chamando  
Volta Pelé  
São 100 milhões de brasileiros  
Esperando pela sua solução  
Venha nos tirar dessa agonia  
Na seleção você é uma garantia  
É o povo quem quer.(12)*

Encerro com outro craque inesquecível e carismático: Tostão. “Marcha do Tostão (Mr. Money)” de Nelson Castro e Álvaro Matos o valorizava em 1970:

*Mister Money!  
Tirei o seu cartaz...  
Libra esterlina?  
Tostão vale mais!  
Oh Minas Gerais  
Passa a bola, não rebola  
Pelé tabela com Tostão  
Se o goleiro larga a bola  
Gol da seleção!*

## ADEREÇOS

1 - Parati: aguardente famosa fabricada em Parati, antigo Estado do Rio. Tornou-se sinônimo de cachaça.

2 - Maria Severa, famosa cantora portuguesa, dona da mais famosa casa de fados em Lisboa, onde Amália Rodrigues surgiu.

3 - Cavalo de criação nacional, vencedor do primeiro Grande Prêmio Brasil em 1933.

4 - Accioly Netto em seu livro “O Império de Papel” conta que nunca existiram as polegadas fatídicas. Foi tudo uma combinação entre os jornalistas presentes em Miami , liderados por João Martins de “O Cruzeiro” para justificar a decepção com a derrota. Ninguém nunca abriu o bico e o Brasil todo acreditou na falta de gosto estético do juri.

5 - Zarur após sua entrega religiosa, tornou-se um furibundo cruzado, investindo contra a para ele, dissipação carnavalesca. Eis trechos de seu “Poema do Carnaval” capaz de causar arrepios aos cultores da folia:

*Que devemos nós pensar  
De uma nação que cultua  
O deus torpe do deboche  
Pois o Brasil ainda é  
O país ideal de Momo  
Até quando, Catilina?  
Que faremos nós agora  
Na ressaca da miséria  
Sem saúde e sem vergonha  
Sem razão para lutar  
Pelos direitos sagrados?  
Suicidêmo-nos irmãos...  
E esta raça brasileira  
Conduzida por foliões*



*Decompõe-se, desagrega-se*  
*Atirada ao lodaçal*  
*Das infâmias infinitas*  
*Desse abjeto carnaval.*

6 - Tito Schippa: famoso tenor italiano.

7 - José Mojica: tenor mexicano. Astro de cinema. Deixou a carreira no auge para abraçar a vida religiosa.

8 - Lily Pons: destacada soprano lírica.

9 - A primazia é dada por outros estudiosos a Silvío Caldas que teria apresentado, em temporada sua, no palco do Golden Room do Copacabana Palace, um grupo de ritmistas negros capitaneados por Cartola.

10 - Cabelo buscarré: cortado rente.

11 - IBC - antigo Instituto Brasileiro do Café.

12 - Pelé em setembro de 99 declarou num programa de TV que não disputou a Copa de 74 em protesto contra as torturas do regime militar. Só que três anos depois (1977) ele fazia propaganda pelo mundo da estatal Interbrás. Dá pra acreditar no Rei?

## **A CIÊNCIA EM MARCHA**

As conquistas da ciência, suas vitórias e fracassos, não escaparam das pesquisas atentas dos repórteres carnavalescos.

Na década de 20, Dr. Voronoff, médico russo, anunciava ao mundo seu experimento. Podia rejuvenescer as pessoas transplantando-lhes glândulas de macaco. Eduardo Souto em 1927 abordou o tema:

*Não há mais velhos no mundo  
Depois da tal descoberta  
Não há ninguém mais caduco  
Agora a escrita está certa.  
Se acaso um velho casava  
Há poucos anos atrás  
O povo logo gritava  
Não pode! Não é capaz!  
Há velhos que andam correndo  
O dia todo no mato  
Os bichos andam com medo  
Macaco é que paga o pato.  
Ai, ai, ai, ai  
Que farra, que regabofo (1)  
Ai, ai, ai, ai  
Que fez o seu Voronoff!*

Em 1929 ainda repercutia. O iniciante Lamartine Babo, já competente, com João Rossi, se diverte em “Seu Voronoff”:

*Toda gente agora pode  
Ser bem forte, ser um “taco” (2)  
Ser bem ágil como um bode  
E ter alma de macaco  
A velhice na cidade  
Canta em coro a nova estrofe  
E já sente a mocidade  
Que lhe trouxe o Voronoff  
Seu Voronoff, seu Voronoff  
Numa grande operação*

*Faz das tripas coração  
Operado foi na pança  
Um velhote com chiquê  
Ele vai virar criança  
Das cartilhas do ABC  
Um sujeito que operou-se  
Logo após sentiu-se mal  
Voronoff desculpou-se...  
... Que houve troca de animal.*

“Praga de Macaco” de João Morena comenta as marotagens de um transplantado:

*Um velhote gaiteiro (3)  
Foi fazer a operação  
E foi o primeiro  
Que caiu na tentação  
Mal entrou na faca  
Quis cair na fuzarca  
E sabe Deus que coisas  
Fez o maganão!... (4)  
Dizem que o velhote  
Quis bancar o chimpanzé  
Fez o garnizé  
No galinheiro do quintal  
Mas o macaco tinha feito um candomblé  
Foi um fuzuê  
Que deu com ele no hospital  
Praga de macaco  
É pior que de madrinha  
E foi um buraco  
Porque o velho ainda tinha  
Tinha uma esperança  
De tornar-se criança  
E de tirar os seus fiapos  
Como um taco.  
Mas o Voronoff  
Enxertou no velho o bofe  
E deu o fora  
Pra evitar perseguição  
Já foi embora*

*E o velhote está perdido  
Doutor sábio  
Que deixa a gente na mão.*

Apesar de não ser carnavalesca, vale a pena registrar “Minha Viola”, primeira composição de Noel Rosa, uma embolada:

*Eu tive um sogro  
Cansado dos regabofe  
Que procurou o Voronoff  
Doutô muito creditado*

***E andam dizendo***

*Que o enxerto foi de gato  
Pois ele pula de fato  
Miando pelos teiado.*

Em 1929 chega ao Brasil com estardalhaço o médico espanhol Dr. Assuero, capaz de realizar miraculosas curas com seu toque. A Revista da Semana de 29 de junho de 1929 assim o recebeu: “O professor Assuero, ilustre médico espanhol, traz consigo o segredo de curar e de vencer a morte. O nome do Dr. Assuero corre mundo aurerolado e murmurado entre bençãos”. Foi um prato cheio para o teatro de revista que o mostrava em seus esquetes. Luiz Nunes Sampaio, o Careca, e Lamartine Babo, incrédulos avacalharam com o prestigiado esculápio na marcha “O Toque do Assuero” de 1930. É uma delícia a letra. Divirtam-se: (5)

*Me proteja ó Senhor  
Desses toques, por compaixão  
Uma zinha que não tinha braço  
Pregou-me um bofetão...  
Seu Doutor queira explicar  
O preparo do tempero  
Eu não vou Seu Assuero  
Nessa coisa de tocar  
Veja lá, sou carioca  
Que não morre de careta  
Nem me passo prá potóca  
Nem pra toque de corneta.  
Lá na casa do Gouvêa  
Numa rua do Encantado  
Por tocar na perna alheia*

*Um sujeito foi tocado  
O Gouvêa cabra justo  
Corta as pernas do freguês  
E o pernetá, só com o susto  
'Stá correndo há mais de um mês.*

É incrível como a busca da juventude eterna continua um sonho inesgotável. A ciência persegue esse Shangri-lá sem esmorecer. Pesquisadores da Universidade do Texas isolaram uma enzima que introduzida em células normais provoca indefinidamente a reprodução das mesmas, evitando o envelhecimento. Pena que hoje não há nenhuma possibilidade de tão auspicioso fato ser cantado numa composição carnavalesca.

Vinte anos depois a terceira idade se alvoroçava com a notícia divulgada pela imprensa sobre a descoberta de um soro com o mesmo efeito. A afinada dupla Haroldo Lobo e Milton de Oliveira, em 1950 dá para Linda Batista gravar “O Soro e os Velhinhos”:

*Quá, quá, quá, quá  
O soro vai ser um maná  
Os velhos, velhinhos  
Vão ser outra vez brotinhos.  
Tem velho assim na fila  
Doidinho pro soro chegar  
Cansado e aposentado  
Querendo outra vez brilhar.*

Vitor Jr. e Wilson Ferreira não fazem boa previsão quanto à chegada do afrodisíaco em “O Soro vem Ai”:

*Vai haver miséria  
Se o caso do soro for notícia séria  
Vamos ter confusão  
Os velhos vão voltar a bancar o gavião.*

Pelos anos 60 o ipê-roxo foi decantado como panacéia. Curava tudo. Elzo Augusto, Rodrigues Filho e Gentil de Castro exageraram transformando-o até em musa:

*Garota do ipê  
Eu vou pular com você*

*Se você chegar roxinha  
No meu carnaval.*

O impacto da descoberta da penicilina foi inspirador. Os sempre argutos Klécio Caldas e Armando Cavalcanti chegam a sábia conclusão na “Marcha da Penicilina” (6):

*Penicilina cura até defunto  
Petróleo bruto  
Faz nascer cabelo  
Mas ainda está pra nascer  
O Doutor  
Que cure dor de cotovelo.*

Nássara e Roberto Martins também tem queixas em “Obrigado Doutor” de 1950 (7):

*Ai, doutor  
Penicilina não resolve um mal de amor  
Nem vitamina dava jeito à minha dor.  
A medicina não me ajudou.*

O uso indiscriminado atual, de complexos vitamínicos, já era em 1942 desacreditado por Amaro Silva, Djalma Mafra e Domicio Augusto na marcha “Vitaminas”:

*O meu pai trabalhou tanto  
Que eu nasci cansado  
Tomei vitamina “A”  
Tomei vitamina “B”  
Tomei vitamina “C”  
Mas não tive resultado  
Mas finalmente me ensinaram  
A vitamina “D”  
Mas qual o quê, mas qual o quê  
Dessa maneira  
Eu já sei que vou morrer*

As epidemias não deixaram de ser focadas. Em 1903 a peste bubônica grassava aterradora. Oswaldo Cruz está determinado a sanear o Rio. Parte para uma batalha ingrata de extermínio dos ratos. A Saúde Pública estimulou

a caça e os comprava. Já aparecia a figura do atravessador que com um saco às costas gritando “rato, rato” os adquiria e revendia ao órgão público. Casimiro Rocha e Claudino Costa pinçaram o tema:

*Rato, rato, rato  
Por que motivo tu roeste o meu baú  
Audacioso e malfazejo gabiru (8)  
Rato, rato, rato  
Eu hei de ver ainda o teu dia final  
A ratoeira te persiga e consiga  
Satisfazer meu ideal.  
.....  
Quando a ratoeira te pegar  
Monstro covarde não te ponhar a gritar  
Por favor  
Rato velho, descarado, roedor  
Rato velho como tu faz horror  
Nada valerá o teu qui-qui  
Tu morrerás e não terá quem chore por ti  
Vou provar-te que sou mau  
Meu tostão é garantido  
Não te solto nem a pau.*

Segundo Edigar de Alencar a medida foi suspensa porque espertalhões começaram a criar ratos e colocar no meio dos vivos bichos falsificados de papelão e cera.

Em 1918 foi a vez de Caninha alertar contra a “Gripe Espanhola”:

*A espanhola está aí  
A coisa não está brincadeira  
Quem não tiver medo  
Não venha mais à Penha.*

Quarenta anos depois espalha-se a gripe asiática. Os sambistas Popó e Doca sabem como enfrentá-la e garantem: “Essa não me pega”:

*Essa não me pega  
Não me pega não  
Eu bebo Caracu  
Misturada com limão.*



Outra receita é a de Nilo Sérgio, Blecaute e Oswaldo França no carnaval de 1958. O “General de Prontidão” não receia ser enquadrado:

*Meu bem  
A asiática não mata ninguém  
Vamos sambar  
Estou de prontidão  
Bebendo cachaça  
Cachaça com limão.*

Não é de hoje que os laboratórios adoecem nossos bolsos. Altamiro Carrilho denuncia em “O Preço da Gripe” com seu parceiro Miguel Gustavo, em 1958:

*Deixei de espirrar  
A gripe teve fim  
Mas o meu bolso  
Passou a espirrar por mim.*

Ainda em 1958 Santos Garcia na marcha “Psicose” indica uma medicação bem peculiar:

*Sebastiana está com psicose  
Tem coceira braba  
Diz que é micose  
O que ela tem está na cara  
É um bruto “Já começa”  
Quando começa não pára  
Pra se livrar do reco-reco perene  
Só caco de telha com banho de querosene.*

O estresse dos tempos modernos enerva os compositores Otolindo Lopes, Arnô Provenzano e A. Michilis no carnaval de 65. “Neurose de Mulher” é estímulo ao assédio.

*Doutor me dê um calmante  
Meu estado é excitante  
Eu tenho neurose de mulher  
Não posso ver mulher sambar  
O nervoso me sobe pra cabeça  
Eu fico com vontade de agarrar.*

Por volta de 1959 os jornais noticiam que a ingestão de carne bovina, onde foi usado certo tipo de hormônio, é passível de adamar os machões. Paquito, Romeu Gentil e José Gomes fizeram sucesso com “Boi da Cara Preta”, uma incursão vitoriosa de Jackson do Pandeiro:

*Olha o boi da cara preta  
Olha o boi da cara preta.  
Coitado do Valdemar  
Tá dando o que falar  
Comeu carne de boi, falou fino  
E deu pra se rebolar.*

Os “neuróticos” Otolino e Arnô estavam assustados: exclamando “Eu, Hein Boi”:

*Boi, boi, boi  
Eu não quero nem de quebra  
Quem come sua carne  
Fala fino e se requebra.*

Em 1967 a ciência deu um um salto notável. Dr. Cristian Barnard, médico sul-africano, fez o primeiro transplante de coração. J. Nunes e Dom Jorge previam consequências. “Coração de Jacaré” desanca com a sogra em 1969:

*Trocaram o coração de minha sogra  
Puseram o coração no jacaré  
Sabem o que aconteceu?  
A velha se mandou  
E o jacará morreu.*

Outra troca que não deu certo: “Coração de Gato” de Jararaca e Walfrido Silva de 69:

*Botaram um coração de gato  
No peito da Guiomar  
De dia procura rato  
De noite só quer arranhar.*

Os angustiados torcedores Manoel Ferreira, Ruth Amaral e Gentil Jr.

apelaram mas parece sem resultado o “Transplante de Corintiano”:

*Troquei o coração  
Cansado de sofrer  
Ai doutor, eu não me engano  
Botaram outro coração corintiano.*

O apelo agora é de Job Silva, Atella e Lernia ao nosso pioneiro, Dr. Zerbini: É a “Cirurgia do Amor”:

*Doutor! Ai, ai doutor. Doutor Zerbini  
Eu lhe peço um favor  
Faça o transplante do meu coração  
Que coitadinho está morrendo de dor.*

Os infalíveis Otolindo Lopes e A. Michilis estão na fila pedindo: “Doutor, Me Faz um Transplante”:

*Doutor me faz um transplante  
Meu coração  
É um coração errante.*

Jorge Gomes e João Mamari não querem correr riscos. “Um Novo Coração” é solicitado:

*Doutor, eu quero um novo coração  
Transplante está na moda  
Eu quero pular no salão  
Meu coração tá no fim  
Arranje um novo pra mim.*

Baqueados também estão os corações de J. Jr., Vicente Lago e Fernando Luz ao reagirem à passagem de uma boazuda. O “Eletrocardiograma” dispara em 1966:

*Ai o meu eletro  
Eletrocardiograma  
Me leva, me leva doutor, me leva  
Direto daqui pra cama.*

Outro avanço, a cineangiocoronariografia, estava na agenda dos

inteligentes Pedro Caetano e Alcir Pires Vermelho, com crítica. Rara presença de Nara Leão que gravou “Cineangiocoronariografia” em 1984:

*Cineangiocoronariografia  
Um moderno exame de cardiologia  
Quem é rico vai fazer nos **states**  
Quem é pobre faz aqui  
De qualquer “jeit’s”.*

A popularização da cirurgia plástica no Brasil se deveu ao prestígio do Dr. Ivo Pitanguy, artífice da recauchutagem de personalidades. O carnaval ainda o põe mais em evidência, como Álvaro Matos e Nelson Castro em 1964 com a “Plástica do Dr. Pitanguy”:

*Dr. Pitanguy, Dr. Pitanguy  
Estica daqui, estica dali  
Dr. Pitanguy  
Capricha na carinha aqui.*

Momo não tem compromisso com o celebratório correto. O compositor perde o amigo mas não a irreverência. Que o diga Monsueto, com seu nada abonador “Dr. Pitanguy”:

*Levei a Marieta ao Pitanguy  
Quando ela voltou não reconheci  
Cortaram lá, colocaram cá  
Agora ela vive a reclamar  
Que a sua cara tem vontade  
De sentar pra descansar.*

O último verso é de uma sutileza exemplar.

A pílula anticoncepcional criada em 1952 foi mal recebida pelos compositores. Protestos de Dunga e Nilo Barbosa em 66:

*A solução da pílula, pílula  
Para mim é ridícula, ridícula  
Dona cegonha vai ficar tantã  
Pílula de vida borocochô  
Eu sou do tempo da vovó e do vovô.*

J. Audi e Papi reforçam o estrilo no mesmo carnaval com a “Marcha da Pílula”:

*Que calamidade  
Que graça tem  
Ora, ora, pilula  
O mundo sem neném.*

O bebê de proveta também resultou polêmico. Antonio Brasil, Nilza Brasil e Santinho, em 1975, lançam uma pérola de surrealismo: “Não me comprometa”:

*Marieta, tire a mão da gaveta  
Não me comprometa  
Foi aí que eu guardei  
Meu bebê de proveta.*

Braguinha reagiu, como sempre, com talento: “Bebê de Proveta” é de 1979:

*Bebê de proveta, bebê de retreta  
O seu inventor, que cara careta  
Por que não sacou  
Da sua beleza  
Que a gente prefere  
Bebê de chupeta.*

J. Neves, Astúrio Nunes e Dick Danello são conservadores:

*Agora só se fala em bebê de proveta  
E eu que sou quadrado  
Vou mal com a Marieta  
Comigo não, doutor, comigo não  
Eu nesse caso sou quadradão.*

Sem dúvida a conquista da lua em 1969 foi o marco do século.

Os compositores já estavam com seus telescópios apontados bem antes. Em 59 José Lourenço, W. Montinho e Manoel Lima convidam em “Passeio na Lua”:

*Ó Maria  
Até que enfim chegou o nosso dia  
Já preparei a minha vida  
Prepare a sua  
Vamos passear na lua.*

Alda Ribeiro e Iracema Ângelo querem é mordomia:

*Na lua a gente come  
Sem precisar pagar  
Governo é quem trabalha  
Para o povo descansar  
Não tem Cofap nem aposentadoria  
É samba toda noite, feriado todo dia.*

Em 1960 Walkyria, Gino Alves e Geraldo Gomes, pés no chão, abordam o assunto, relacionando-o ao conformismo brasileiro. “No Mundo da Lua” mostra isso com propriedade:

*Sobe a batata, o feijão e o arroz  
E a gente ainda escuta  
O povo dizer na rua  
Que a vida está cara  
Mas depois vai melhorar  
Isso prova que a gente  
Vive no mundo da lua.*

Em 1961 o périplo de Gagarin é notícia. João Martins acha que foi esperteza do russo e denuncia em “Gagarin” de 1962:

*Gagarin, você não é trouxa  
Quando vê que a coisa aqui não dá  
Passa a mão no seu foguete  
E vai pra lua se virar.*

É sondado por J.P. Silva, Sebastião Gomes e Floriano Brandão com o mesmo título no mesmo ano:

*Gagarin, me diga como é  
Mas diga bem baixinho  
Se na lua tem mulher.*

Todo mundo cantou mesmo foi a inspirada marcha de Klécio Caldas, Armando Cavalcanti e Brasinha: “A Lua é dos Namorados” no ano anterior:

*Todos eles estão errados  
A lua é dos namorados  
Lua, ó lua  
Querem te passar pra trás  
Lua, ó lua  
Querem te roubar a paz  
Luz que no céu flutua  
Lua que nos dá luar  
Lua, ó lua  
Não deixa ninguém te pisar.*

Dois anos depois novamente conquistam os carnavalescos com “A Lua é Camarada”, sem Brasinha, mas gravada com estilo por Ângela Maria como o êxito anterior:

*A noite é linda  
Nos braços teus  
É cedo ainda  
Pra dizer adeus  
Vem, não deixes pra depois, depois  
Vem, que a noite é de nós dois, nós dois  
Vem, que a lua é camarada  
Nos teus braços quero ver  
O sol nascer.*

Na “Marcha do Sputnik” Carijó e Antonio Livino não fizeram muita fê no badalado satélite:

*Se você for subir na lua  
Me leva que eu quero ir  
Quero voar de sputinik  
Enquanto ele não explodir.*

Roberto Roberti e Manoel de Oliveira, espirituosos e pouco românticos em “Mulher pra Frente” de 1970:

*Enquanto o homem quer*

*Botar o pé na lua  
Mulher arranja um pé  
Pra botar o pé na rua.*

Depois do pouso os rubro-negros fanáticos Monsueto e Hugo Brando vaticinaram o que acontecerá com “O Flamengo na Lua”:

*O Flamengo vai jogar na lua  
Inaugurando o estádio lunar  
Quero ver minha torcida gritando  
Flamengo, campeão de terra, mar e... ar!*

Saltamos alguns anos. Nem a AIDS escapou. A marcha de J. Janeiro, W. Janeiro e Leonardo Plecucci é capaz de arrefecer o mais empedernido dos carnavalescos ameaçando com “A AIDS vai te pegar” em 1987:

*Cuidado rapaz  
A doença está no ar  
Se você dormir no ponto  
A Aids vai te pegar.*

João Roberto Kelly e Chacrinha, num jogo de palavras inteligente, ensinam a prevenir: “Bota a Camisinha”:

*Bota a camisinha  
Bota meu amor  
Hoje tá chovendo  
Não vai fazer calor.*

Os recheios silicônicos, que vêm recheiando os bolsos dos médicos, chegam ao carnaval de 1990 com Sullivan e Massadas que pedem menos afoiteza aos foliões na “Marcha do Silicone”:

*Será que é mulher  
Será que ela é homem  
Cuidado com o silicone.*



## ADEREÇOS

1 - Rega-bofe: folia. Festança com comida e bebida.

2 - Taco: ser bom no que faz. Mulher atraente.

3 - Gaiteiro: assanhado.

4 - Maganão: pândego. Também pouco escrupuloso.

5 - Outras mãos miraculosas eram as do finlandês Kersten, massagista de Himmler, então secretário do Interior de Hitler, únicas capazes de atenuar-lhe as insuportáveis dores na coluna. Exercia poderosa influência sobre o iracundo chefe nazista. Aproveitava a dependência de Himmler à sua terapia para desenvolver atividades humanitárias. Há registro histórico de que participou como intermediário de uma tentativa de paz em 1943, que fracassou por desconfiança do governo americano. No início deste século temos a misteriosa figura de Rasputin, o monge curandeiro que acabou se tornando a pessoa mais influente na corte russa de Nicolau II. Só ele conseguia estancar os episódios hemorrágicos do príncipe herdeiro que era hemofílico. Houve várias tentativas para eliminá-lo. Veneno não deu certo. Sofria de deficiência de ácido clorídrico necessário à digestão. Ao ingerir cianureto que combinado ao ácido se torna mortal, acabou tendo apenas vômitos e cólicas o que aumentou-lhe a fama de indestrutível. Mas não escapou de um apunhalamento em 1916.

6 - Klécus Caldas me contou que Blecaute era muito supersticioso e recusou a música por falar em defunto. Quem faturou o sucesso foi Linda Batista.

7 - Inspirada no programa da Rádio Nacional com o mesmo nome, apresentado pelo médico e radialista Paulo Roberto.

8 - Gabiru: velhaco. Espécie de rato grande.

**BATALHAS SEM CONFETI**

As guerras, revoltas, revoluções, golpes, tiveram o binóculo dos observadores carnavalescos enfocando-as. Na maior parte das vezes satirizando os déspotas e ridicularizando-os perante a opinião pública, com muito melhor desempenho que a propaganda oficial. Iniciemos o rastilho sonoro.

Marisa Lira, competente estudiosa de nossa música popular, garimpou trovas cantadas na época da Guerra do Paraguai:

*Mamãe, vá acordar papai  
Que eu vou me embora  
Para o Paraguai.*

Solano Lopes era uma espinha em nossa garganta. A vingança vinha musicada, com basófia:

*O Lopes foi à missa  
Esbarrou no sacristão  
Sacristão deu-lhe um sopapo  
E o Lopes caiu no chão.*

No carnaval de 1958 era lembrado por Paquito, Romeu Gentil e Boechi. A imagem criada para desmoralizar Napoleão, “foi assim que perdeu a guerra”, encarapuçaram no paraguaio:

*Ele embarcou  
Ela ficou em terra  
Cuidado que foi assim  
Que Lopes perdeu a guerra.*

O bloco Flor da Primavera, no ano de 1897 faz alusão a Canudos, estimulando o coronel Moreira Cesar:

*Já embarcou  
Com alegria  
Moreira Cesar  
Foi pra Bahia.*

Só que a alegria durou pouco. O militar foi morto e sua tropa destroçada pelos seguidores do Conselheiro.

O popular Caninha em 1919 quando do término da Primeira Grande Guerra comemora com o maxixe “O Kaiser em Fuga”:

*Ai, ai, ai  
A guerra já terminou  
Com a direção de Foch  
Até o fogo cessou  
Ai! ai! ai!  
Que grande satisfação  
Do Kaiser ter disparado  
E abandonado a nação.  
Monsieur, quedê ele?  
O Kaiser já fugiu  
Já sumiu-se pra bem longe  
Que o inimigo não viu.  
Viva, viva  
Sempre os nossos aliados  
Que venceram essa guerra  
E prenderam os culpados.*

Foch, marechal francês, nomeado generalíssimo das tropas aliadas comandou a vitória sobre o Kaiser Guilherme II.

Em 1932 ecoou a Revolução Constitucionalista de São Paulo, enfrentado as forças federais de Getúlio. O sucesso de “O Teu Cabelo não nega” deu lugar a paródias para estimular os combatentes contra o usurpador:

*O teu governo não nega, Getúlio  
Que foi uma tapiaçã  
A ditadura não pega, Getúlio  
Faz dela bucha de canhão.  
Só tens o apoio dos derrotistas  
Dos tenentes outubristas  
Getúlio, getulinho, por favor  
Desista logo de bancar o ditador.  
Quem te encrencou, ó maganão  
Merece consagração  
Paulista não tem medo de careta  
Apronta a trouxa  
E segue pra outro planeta.*

Outubristas eram os tenentes que desejavam a continuidade do processo ditatorial por, no mínimo, dez anos. Maganão é inescrupuloso. Em 1933 o rescaldo carnavalesco da revolução ainda era feito na marchinha de João de Barro “Trem Blindado”:

*Meu bem pra me livrar da matraca  
Da língua de uma sogra infernal  
Eu comprei um trem blindado (1)  
Pra poder sair no carnaval...  
Mulata por teu encanto  
Eu muito levei na cabeça  
Porém agora eu duvido  
Que isto outra vez aconteça  
Do teu falado feitiço  
Eu pouco caso lhe faço  
Mandei fazer em São Paulo, mulata  
Um capacete de aço.  
Mulata quando te vi  
Logo pedi anistia  
Pois os teus olhos lançavam  
Terrível fuzilaria  
E pra ninguém aderir  
Ao nosso acordo amoroso  
Botei na porta da casa, mulata  
Um canhão misterioso (2)*

Matraca era uma arma psicológica que imitava o som de uma metralhadora. Ainda em 1933 Ary Barroso sai do Rio e vai a São Paulo concorrer ao concurso promovido pela Prefeitura. Conquista o segundo lugar com “Paulistinha Querida”:

*Paulistinha querida  
Qual é a tua cor  
Que tanto disfarças com pó de arroz  
Não és loura nem morena  
Não tens nada de mulata  
Paulistinha querida  
A tua cor é “trinta e dois”.*

Apesar da alusão ao tipo de arma a censura não percebeu. Em fins de 1933 havia pressão de grande parte da sociedade defendendo a anistia para os

vencidos de 30 e 32, o que veio a acontecer em 34. Ary Barroso era um dos que apoiavam e o fez na voz de Francisco Alves. “Anistia” é de 1934.

*Anistia, anistia  
Nos três dias de folia  
Seu doutor não faça isso, por favor  
Na prisão basta só meu coração  
Por isso eu peço...*

No mesmo concurso do qual participou Ary Barroso venceu “Trincheira de Carnaval” de Martinez e Arisnaldo Pires:

*Alerta! Alerta!  
Vamos fazer revolução  
Nossa trincheira vamos ter  
Mulata! Na avenida São João.*

Já Wantuil de Carvalho em “Meu Amor vai Pegar no Fuzil” brinca com coisa séria:

*Meu amor, vai pegar no fuzil  
(Ordinário)  
Meu amor vai pegar no fuzil  
(Marche!)  
É mentira, é mentira  
É primeiro de abril.*

Carnaval de 1939. Carmem Miranda grava de Ary Barroso a marcha “Salada Mista”, uma crítica à pusilânimidade de ingleses e franceses ante Hitler, então chanceler alemão, que já anexara a Áustria e territórios checos e a farsa do Tratado de Munique. Hoje se sabe que Hitler blefou quanto ao próprio poderio.

*Uma pitada de massa de tomate (all right, all right)  
Três gotinhas de molho inglês (só três, só três)  
Algumas gramas de “petit-pois” (françois, françois)  
E ficou pronto o pirão do chanceler.  
(Que papou de colher)  
Disse o francês: oui, oui  
Disse o inglês: yes, yes, yes  
Quem não gostou foi o checoslovaco*

*E o italiano entrou então na salada  
(E não sobrou nada)*

Arnaldo Paes e Wilson Batista aparecem com “Invasão Amorosa” e se referem aos sudetos, habitantes da região checa invadida pelos alemães. A ameaça é terrível: transformar a Alemanha numa “Banana-Republic”:

*Os soldados do meu peito vão  
Invadir o território do teu coração  
Eu quero minha independência  
Pois eu tenho arma  
E não me falta potência.  
Se resolveres a questão  
Eu prometo ao teu coração  
Eu não serei mais um sudeto  
E depois disso  
Da questão ganha  
Vamos plantar banana na Alemanha.*

Sem prever as intempéries futuras Nássara e Frazão estão otimistas e despreocupados na marcha “Calma no Brasil” de 1941:

*Nós vivemos no melhor pedaço da terra  
Calma no Brasil, que a Europa está em guerra!...  
Neste Brasil é bem pacata a mocidade  
Não anda armada, nem sequer de canivete.  
Enquanto os outros tem batalhas de verdade  
Nossas batalhas são batalhas... de confeti.*

Nos festejos de 1942 já existe expectativa. Os mesmos Nássara e Frazão, destemidos bradam em “Sabemos Lutar”: (3)

*Na guerra se eu tiver que combater  
Minha terra juro que hei de defender  
Com calor, com ardor, com vigor  
De um peito brasileiro.*

Como bem observou Gracio Barbalho os compositores em suas obras já começavam a estimular o pan-americanismo. Frazão (de novo!) e Silvío Caldas no carnaval de 1942 já estão na defensiva com a marcha “Minha América”:

*A minha América, a minha América  
É a rainha do meu coração  
A turma gosta dela  
E anda de olho nela  
Porém na minha América  
Ninguém põe a mão.*

Haroldo Lobo e David Nasser vencem o concurso de carnaval em 1942 com “Alô América”:

*Alô, ô, ô América  
Aqui na nossa terra  
A união é de amargar  
Eles tem  
Eles tem que respeitar*

Depois de muita hesitação o Brasil rompe relações com o Eixo em agosto de 1942. Os cientistas políticos e historiadores muito especularam sobre nossa indecisão e persistência da neutralidade. A hipótese mais ventilada era a simpatia de Getúlio e membros das forças armadas pelo nazifascismo. Segundo o Marechal Lima Brayner a cisão se deu após ataques de submarinos alemães a navios brasileiros, que forneciam matéria-prima aos Estados Unidos. A pressão dos chamados “vizinhos do norte” era intensa. Para o brasilianista Stanley Hilton a vacilação do Brasil deveu-se em grande parte ao fato de os americanos não terem fornecido a ajuda militar prometida em 1939. O Brasil estava desarmado. Após os torpedeamentos foi porém impossível conter a revolta da opinião pública. Só então em 1943 começa mesmo o fervor patriótico carnavalesco. Foi então uma saraivada. (4)

O duo Frazão e Dunga se mobiliza com “Alvorada”:

*Por meu país amado  
Quero lutar e triunfar  
Por meu país amado  
Hei de lutar pra conservar  
Meu ser, meu lar, meu sol, meu ar  
Meu Deus, meu céu, meu mar*

Haroldo Lobo e David Nasser gostam de um alô. Mostram-se solidários com “Alô Tio Sam” de letra fácil:



*Alô Tio Sam, alô  
Dizem que você  
Está pintando o sete  
Se precisar de mim  
Pode chamar que eu vou  
Vou nem que chova canivete*

Edigar Cardoso estava furo em “Vaqueiro das Américas”:

*Sou vaqueiro do oeste  
E comigo não tem graça  
Ando à procura de um peste  
Que ofendeu a minha raça  
Heil Hitler  
Valente assim nunca se viu  
Heil Hitler  
Correu tanto que sumiu*

“Brinca Pessoal” de Haroldo Lobo e Benedito Lacerda é otimista:

*Brinca pessoal  
Depois da guerra  
Vai ser outro carnaval  
Depois da guerra  
A carne vai sobrar  
E a gasolina vem aí pra se gastar  
Porque a vitória é macuco no embornal. (5)*

A basófia verbal de Hitler é glosada em “O Papagaio do Chanceler”, de Alberto Ribeiro:

*Em Berlim o chanceler  
Falava tanto quando estava de colher  
Mas agora na hora H  
Não fala nada  
Papagaio o que é que há  
Se a verdade quer saber  
Demandez aux alliés. (6)*

Promessas não faltam como em “Espera Maria” de René Bittencourt e

Custódio Mesquita:

*Se eu for para a guerra, Maria  
Amor não fique triste não  
Eu volto, Maria eu volto  
Eu volto pra pedir tua mão  
Maria deixa a porta aberta  
Espera que a vitória é certa*

Assis Valente continua com as despedidas em “Té Logo, Sinhá”:

*Té logo, Sinhá  
Eu vou ali e venho já  
Sinhá já deve saber que o Brasil me chamou  
E mandou defender  
O cantinho de Sinhá sambar  
O cantinho de Sinhá viver.*

Os espíões ou quinta-colunas, agentes infiltrados no governo, não passaram despercebidos aos compositores. Nássara e Frazão fazem ameaça em “Sai, Quinta Coluna” de 1943:

*Sai, quinta-coluna  
Por tua causa é que eu vou me alistar  
Quando eu calçar minha botina reiúna (7)  
Quero ver quinta-coluna se manifestar.*

Os integralistas brasileiros, chamados “galinhas verdes”, eram olhados com desconfiança, pela afinidade ideológica com o fascismo italiano. Foram desancados por André Gargalhada e José Gonçalves com muita verve na obra “Galinha Verde” também de 43:

*Galinha verde não me entra no poleiro  
Diz o meu galo que é o dono do terreiro  
E o papagaio já me pede por favor  
Me leva ao tintureiro  
Que eu quero mudar de cor  
De manhã cedo quando eu chego no quintal  
Até tenho medo, é um barulho infernal  
Meu papagaio comprei lá na Pavuna  
Mas o galo cisma que ele é “Quinta-coluna”.*

Tudo era anotado pelos cronistas do carnaval. O blecaute, quando as luzes eram apagadas para proteger as cidades dos bombardeios inspirou Germano Augusto e A.F. Silva:

*Vamos Maria, vamos  
Na rua não podemos ficar  
Vai começar o “black-out”, Maria  
Temos que nos refugiar*

1943 foi realmente o ano da euforia cívica. Desprendidos não faltaram como Humberto Teixeira e Caio Lemos. “Pelo Brasil, Pela Vitória” é um exemplo:

*Avante, soldados lutemos  
A vida não vale sem glória  
Se for preciso morrer, morreremos  
Pelo Brasil! Pela vitória!*

Dois bons compositores Roberto Martins e Mário Rossi contagiados demais trombeteiam a indigente “Vitória”:

*Vitória! Vitória!  
Com a grandeza que o Brasil encerra  
Tu és o hino triunfal da glória  
Entusiasmando a minha grande terra  
Vitória! Vitória!  
Conduzirás o meu Brasil na guerra.*

Carlos Galhardo canta com galhardia a certeza de Benedito Lacerda e Darci de Oliveira:

*A voz do dever me chamou, Lili  
É esta a razão porque vou partir  
Mas levo na mochila um tamborim  
Vou passar um carnaval cantando samba em Berlim.*

O relho cantava mesmo era nas costas dos três dirigentes máximos do Eixo. Hitler era o mais visado. Em “Adolfito Mata-Moros” Braguinha e Alberto Ribeiro transmudam Hitler num caricato toureiro que é chifrado sem dó. O touro é uma referência a John Bull, símbolo da Inglaterra:

*A los toros  
A los toros  
A los toros Adolfo Mata-moros  
Adolfinho bigodinho era um toureiro  
Que dizia que vencia o mundo inteiro  
E num touro que morava em certa ilha  
Quis espetar sua bandarilha  
Trá lá lá lá lá  
Mas o touro não gostou da patuscada  
Pregou-lhe uma chifrada  
“Tadinho” do rapaz  
E agora o Adolfo caracoles  
Soprado pelos foles  
Perdeu o seu cartaz.*

Nelson Ferreira e Sebastião Lopes ao som do frevo “Qué Matá Papai, Oião?” troça com as retiradas alemãs:

*E foi assim. E foi assim  
Que prepararam a invasão de Berlim  
Começou na Sicília  
A história diz  
Entraram em Roma e depois Paris  
Seu Bigodinho isso é que é façanha  
Mais um salto e nós entramos na Alemanha.  
Fazendo o meu passo com satisfação  
E tratando de acabar  
Com a “goga” do alemão (8)  
(Que matá papai, oião?).*

A marcha robotizada dos soldados alemães, o chamado “passo do ganso”, não escapa da ironia de Haroldo Lobo e Roberto Roberti em “Que Passo é Esse, Adolfo?”:

*Que passo é esse, Adolfo  
Que dói a sola do pé  
É o passo do gato não é!  
É o passo do rato, não é!  
É o passo do ganso  
Qué, qué, qué, qué*

*Esse passo muita gente já dançou, ô, ô, ô  
Mas a dança não pegou, ô  
Ó Adolfo, a cigana te enganou, ô, ô, ô  
Sai pra outra que a turma não gostou.*

Sucesso fez a bem bolada “Quem é o Tal” de Ubirajara Nesdan e Afonso Teixeira:

*Quem é que usa cabelinho na testa  
E um bigodinho que parece mosca  
Só cumprimenta levantando o braço  
É é é é... palhaço.*

A imagem de Mussolini e a debandada de suas tropas é associada ao jornalista, imigrante italiano, por Milton de Oliveira e J. Batista em “Quem é”:

*Quem é que levanta o braço e promete  
Quem é que come espaguete  
Quem é que vence correndo  
O melhor cavalo nacional?  
É seu Pascoal, é seu Pascoal  
Que era dono de uma banca de jornal.*

O trio que comandava o Eixo leva farpas de Nicola Bruni, Nelson Trigueiro e O. Mota na gravação de Ataulfo Alves. Talvez por uma questão de rima são ameaçados com trabalhos forçados no Maranhão!

*Quero ver ainda  
Três palhaços na berlinda  
Marcando passo de pé e picareta na mão  
Abrindo estrada lá no sul do Maranhão  
O Hiroito é traiçoeiro  
Mas o Benito na corrida é mais ligeiro  
E o seu Adolfo que é o mais valente dos três  
Irá pagar tudo, tudo que ele fez.*

Na Segunda Grande Guerra os russos perderam vinte milhões de vidas. Houve exemplos heróicos como a resistência ao cerco de Leningrado, que resistiu 900 dias. No sul da Rússia começou o esboroamento alemão com a derrota em Stalingrado. Nássara e Frazão contam com talento como o Volga

“deu um banho” no Danúbio. A gravação foi de Joel e Gaúcho. Deveria ser também lançada no filme “Samba em Berlim” na voz de Virginia Lane mas a cena foi cortada pela censura estadonovista por mostrar a figura de Stalin no cenário.

*Uma vez um rio valente  
Quis crescer um pouco mais  
Porém encontrou pela frente  
Quem lhe rasgasse o cartaz.  
Danúbio azul, fiau, fiau  
Mudou de cor, fiau, fiau  
Quis se meter, fiau, fiau  
A lutador, fiau, fiau  
E sobre o Volga  
Como um louco se atirou  
Mas o Volga deu uma folga  
E o Danúbio... azulou.*

Em 1937 a China que já vinha sofrendo incursões japonesas é invadida em grande escala. Em 1939 Ary Barroso e Alcyr Pires Vermelho fazem sucesso com “A Casta Suzana” que faz alusão ao fato. A história dessa música vai aqui narrada pela primeira vez na versão que Alcyr me fez em entrevista. Eis suas palavras: “O Ary ficou zangado durante seis meses comigo por causa de uma mulata do posto 6 que era doida por ele e que apresentou a mim. Acabei ficando com ela e ele então brigou”. (6)

*Será você a tal Suzana?  
A casta Suzana do Posto Seis?  
Coitada, como está mudada  
Teve apendicite  
E ficou sem ite.  
Quando conheci casta Suzana  
Nas areias de Copacabana  
Era namorada de um chinês  
Mas olhava para um japonês  
Deu-se então a confusão  
Estourou a guerra China com o Japão.*

Voltemos a 1943. A China continua resistindo. João de Barro e Alberto Ribeiro dão uma força e tem grande repercussão a marchinha gravada por Castro Barbosa, “China Pau” onde prevêm um substituto pouco

convencional para o couro de gato:

*Ê china pau, china pau como quê  
Ê china pau, china duro de roer  
Mas se Chiang Kai Chek  
Continua assim  
Pele de inimigo  
Vai servir de tamborim*

Em dezembro de 1941 houve um ataque japonês à base americana de Pearl Harbor, no Pacífico. Com a liberação de documentos secretos sabe-se hoje que a agressão não foi tão traiçoeira como se noticiou na época. Foi declarada guerra ao Japão. A aversão mútua vinha desde 1854 quando navios americanos forçaram as ilhas japonesas a abrir seus portos. A acirrada concorrência entre dois países industrializados, em rápido crescimento também concorreu para as desavenças. Os operadores de radar americanos negligenciaram as imagens captadas. O general Marshal, chefe do Estado Maior americano, praticava equitação na véspera quando recebeu mensagens inquietadoras do presidente Roosevelt e não deu a mínima.

No carnaval de 1943 Benedito Lacerda e Cristovão de Alencar pegaram no pé do imperador Hiroito, ridicularizando-o na marcha “Chupando Pirolito” gravada por Linda Batista:

*Quando acabar o conflito  
E não se ouvir mais o grito do canhão  
Eu quero ver o Hiroito aflito  
Comendo arroz sem palito  
Nas ilhas de Salomão.  
O Hiroito sonhou que estava no Haváí  
Bebendo água de Vichy com pão alemão (10)  
Mas quando acordou deu um grito  
Ele chupava um pirolito  
Na cratera de um vulcão.*

Algo muito pior que as lavas do vulcão estava reservado para o imperador algum tempo depois: o inconcebível morticínio provocado pelo cogumelo atômico.

Já estamos em 1944. A simpatia pelos chineses transparece em “Ping-pong” de Paulo Barbosa e Cristovão de Alencar:

*Japonês, japonês  
Pra morrer é bom freguês  
Briga, briga, briga com chinês  
E morre tudo de uma vez!*

O fascismo cambaleia. A tomada da ilha Sicília inspirou a marcha “Cecília” de Roberto Martins e Mário Rossi. Os autores fazem um trocadilho com o nome da mulher amada:

*Pra mostrar que braço é braço  
Eu conquistei Cecília  
Enfrentei balas de aço  
Mas conquistei Cecília.*

Os ataques da Real Força Aérea britânica ao território alemão levaram Benedito Lacerda e Darci de Oliveira a compor “A Raf em Berlim”, onde com bom-gosto fazem uma colagem de parte da antiga polca “Rato, rato”:

*Ouvi um chefe nazista  
Cantando na emissora em Berlim  
Uma marchinha engraçada  
E a letra era mais ou menos assim:  
RAF RAF RAF  
Vê se tens compaixão de mim  
RAF RAF RAF  
Por que motivo destruístes meu Berlim  
Estás estragando o meu cartaz  
Se assim continuares  
Este ano peço paz.*

Hitler continua sendo vergastado. Elpídio Vianna e Nelson Trigueiro já lhe dão ordens:

*Abaixa o braço  
Deixa de teima  
Lugar de palhaço é no cinema  
Seu Adolfo pra que tanta valentia  
Se nós queremos a democracia  
Dona Cecília já se convenceu  
Vocês do Eixo muito em breve saberão*



*Que as Américas unidas vencerão  
Que os aliados estão no apogeu.*

“Adeus Adolfo” de Henrique Gonzalez narra um suposto diálogo entre Hitler e Mussolini onde este tenta escapar da refrega:

*- Adeus Adolfo eu vou deixar você  
“Por que Mussolini, por que?  
- Mano Adolfinho, jogador de ping-pong  
Estou vendo a coisa preta  
Eu vou é nesse bonde  
Fui um palhaço, abaixe o braço  
Adolfinho, adeus!*

O desmantelamento das potências do Eixo, aliança formada em 1940 por Alemanha, Japão e Itália serviu de tema a Nicola Bruni e A.F. Silva em 1944 para produzirem “Quebrou o Eixo”:

*Eu bem lhe disse  
E você não acreditou  
Seu Aleixo  
Carro correu de mais  
Quebrou o eixo.*

O Brasil ainda não entrara na luta, o que aconteceria em julho de 1944, quando partiu o primeiro comboio, após preparativos em sigilo absoluto. Mesmo a fato acontecendo depois do carnaval não impediu que Gastão Viana e Mário Rossi em “Reco-Reco” já previssem a surra que Hitler levaria de nossos valentes tupiniquins. Bem informados chamam-no de pintor, numa referência irônica à sua frustrada tentativa de tornar-se um artista do pincel:

*Quando deu o estalinho na cabeça do cacique  
O Bigodinho deu, deu um chilique  
E foi assim quem terminou o piquenique.  
Ele quis dar um baile numa tribo tupi  
Mas dançou na corda bamba  
Quando ouviu O Guarani  
E o cacique que tem fibra e tem valor  
Vai tocando reco-reco  
Nas costelas do pintor.*

A expressão popular “a cobra vai fumar” é adotada como símbolo da Força Expedicionária Brasileira, significando que os adversários iriam passar mal em nossas mãos. Uma dupla da pesada, Benedito Lacerda e Haroldo Lobo assinala no carnaval de 1945:

*Alô boy, alô boy, alô boy  
Dá duro nessa gente  
Que a hora está chegando  
Alô boy, alô boy, alô boy  
A cobra está fumando e  
E a cuica está roncando.*

O IV Corpo do Exército americano englobava as tropas brasileiras. Lutaram juntos daí a citação do “boy”.

O estertor alemão já é patente. Herivelto Martins e Grande Otelo anotam em “A Guerra acaba Amanhã”:

*Canta, samba, dança  
Muita alegria  
Nós precisamos, irmãos  
Está terminando  
A tirania alemã  
A guerra acaba amanhã.*

O armistício é assinado em 8 de maio de 1945. No carnaval de 1946 o retorno é saudado por Waldemar Silva e Ari Monteiro no “Samba da Vitória”:

*Voltei, voltei, voltei  
Trazendo na mochila o tamborim  
Cantei, cantei, cantei  
O samba da vitória em Berlim  
Voltei, voltei, voltei  
Com a medalha que, lutando conquistei.*

Damos um salto até 1949: Revolução Chinesa. Chiang Kai Shek perde a guerra civil para Mao Tsé Tung. O compositor carnavalesco sempre atualizado, não deixa passar em branco. Peterpã e Afonso Teixeira em “Negócio da China” parece que não gostaram da subida ao poder dos comunistas:

*Eu vou à China para ver como é que vai  
A Butterfly com o Fu Manchú  
Porque o chinês  
Desta vez mudou de cor  
Sempre foi amarelo  
Está vermelho pra chuchu  
Eu sei que o chinês ficou assim corado  
Porque errou no golpe  
Está envergonhado  
Porque um grão de arroz  
Que não chegava pra um  
Tem que dar pra dois.*

No ano seguinte a Coréia do Norte, comunista, invade o sul - a península coreana havia sido dividida em duas em 1948 - e explode nova guerra, com apoio americano à Coréia do Sul. Os Estados Unidos tentaram aliciar em nome da ONU, o Brasil e outros países latino-americanos, para que enviassem tropas. Só a Colômbia enviou um batalhão que foi dizimado. O general McArthur, herói da segunda guerra, comandante-chefe, se mostrou tão intempestivo que acabou destituído pelo presidente Truman antes que desencadeasse a terceira guerra mundial. Apesar do general-chefe do EMFA na época, Góis Monteiro, apoiar nosso engajamento, Getúlio, sagaz e dissimulado, foi engabelando os ianques, ganhando tempo, recebeu dois cruzadores e acabou não participando do conflito. Nássara e Salvador Miceli no carnaval de 51 sugerem em “Viver em Paz” que o “jeitinho carioca” poderia ajudar:

*Pra conquistar teu coração  
Oh minha linda Dulcinéia  
Eu sou capaz de acabar  
Aquela guerra na Coréia.  
Sou carioca, não sou de briga  
Tenho conversa até demais  
Se for preciso eu embarco para o Oriente  
Pra mostrar àquela gente  
Que é melhor viver em paz!*

1961. Os revolucionários de Sierra Maestra, com Fidel Castro à frente, tomam o poder em Cuba. Wilson Batista, Jorge de Castro e Bastos Nenes em “Linda Cubana” são diplomáticos:

*Cuba, Cuba, Cuba libre  
Não foi mole não (...)  
Linda cubana  
Vem ver meu carnaval  
Neutro é o meu papel  
Você volta pra Havana sem bronca  
Juro pelas barbas de Fidel.*

A mídia pôs em destaque fuzilamentos que teriam sido praticados contra colaboradores do regime ditatorial anterior. O talentoso Klécio Caldas com seu parceiro predileto Armando Cavalcanti é jocoso na “Marcha do Paredão” onde compara nossa impunidade com a dureza do regime cubano:

*Em Cuba... Cuba... Cuba  
Andou na contra-mão  
Vai descansar no paredão  
Ao paredão ao paredão, ao paredão!  
Essa não!  
Aqui ninguém é dono de ninguém  
Barbado, só camarão  
Quem roubar um trem  
Suicidar alguém  
Tem cem anos de perdão!  
E um contratinho na televisão!*

Klécio relata em suas memórias que a música era uma crítica ao regime de Fidel. Mesmo ele e Armando sendo oficiais do Exército não escaparam da censura do governo janguista. A composição foi proibida sob o pretexto de que ridicularizava nossos costumes. Pueril. Os autores espernearam muito e conseguiram a liberação. Quanto aos “costumes” mais de quarenta anos depois continuam imutáveis.

Em 1963 houve um estremeamento nas relações entre a França e o Brasil. Pescadores franceses apanhavam lagostas em águas que considerávamos invioláveis. Navio de guerra nosso foi enviado para expulsar os barcos invasores e outro francês veio para impedir. A coisa esquentou com a recusa do governo francês de atender ao pedido de **agrément** do embaixador brasileiro já nomeado. Causou também mal-estar suposto comentário de De Gaulle de que o “o Brasil não era um país sério”. Essa insensata versão perdurou por muitos anos até que o embaixador Carlos Alves de Souza, que servia em Paris à época, nas suas memórias esclarecesse que

ele é que usara tal expressão mas inserida em outro contexto. A França recuou e acabou dando em nada. A imprensa chamou o entreviro de “Guerra da Lagosta”. Para o cronista carnavalesco o assunto era quente. Jorge Washington trouxe-o para o carnaval de 64 na “Marcha da Lagosta”, onde começa durão e depois abre a guarda:

*Largue essa lagosta  
Deixe a minha areia  
Se não vai dar coisa feia.  
Faço uma proposta pra você  
Faço um acordo de irmão  
Traga uma francesa pra mim  
E leve tudo, leve até camarão.*

A guerra dos seis dias entre árabes e israelenses deu origem à bem-humorada marcha de Luiz Antonio em 1968:

*Mamãe eu vou  
Ser soldado de Israel  
Não tem água no cantil  
Mas tem mulher no quartel  
Além disso, guerra é guerra, mamãe  
E vai ser sopa no mel...  
Já pensou? Que regimento!  
Que delícia de quartel...  
Dona Sara é meu sargento  
E Raquel meu coronel.*

A participação maior das mulheres nas forças armadas é uma exigência de Luiz Wanderley, Renato Araújo e Dell Zotto em “Não Vou pra Guerra”, de 1970:

*Se tiver mulher na guerra  
Eu vou guerrear  
Mas na guerra só tem homem  
Vá você no meu lugar  
Ê, ê, ê, e, e, e  
Bota mulher na guerra  
Que eu vou guerrear.*

Em janeiro de 1979 o xá Reza Pahlevi, do Irã, foge do país pressionado

pela oposição liderada pelo aitolá Khomeini. O xá saiu confiante declarando: “Estou apenas indo gozar umas férias e logo retornarei”. A Revolução Islâmica não passou em branco pela história carnavalesca. “Ai Eu tô Lá” de Laurindo e Pedro Paulo em 1980 implica com os costumes iranianos:

*Ai eu tô lá  
Só me chamá  
Ai eu tô lá Khomeini  
Veste tua mulher de preto.  
Vem lá do Irã essa moda  
Que incomoda  
Vestir mulher de preto não dá pé  
Vai ser espeto!  
Eva mulher, Eva mulher  
Sempre mostra o que Adão quer*

Se os autores soubessem o susto que o escritor Salmam Rushdie passou anos depois com seus “Versos Satânicos” seriam mais comedidos.

O Pacotão, bloco anárquico, o mais famoso de Brasília, saiu no mesmo ano com um apelo:

*Aiatolá  
Venha nos salvar  
O Figueiredo  
Tá ficando gagá.*

A crise do petróleo provocou protestos de Homero Ferreira, Bevilaqua e Savena:

*Aiatolá, Aiatolá  
Meu carro não pode parar  
Aqui não temos camelo pra andar  
E nem tapete pra voar  
Aiatolá, Aiatolá  
Me dá uma colher de chá.*

Infelizmente os povos continuam a se destruir na luta bestial pelo poder. Está na hora de se promover o carnaval da paz eterna.

**ADEREÇOS**

1 - Trem blindado fabricado pelos paulistas.

2 - Dizia-se que alcançava Minas, disparado de São Paulo.

3 - Essa música teve até versão em castelhano denominada “Sabemos Luchar”. Foi gravada duas vezes por Francisco Alves.

4 - Artigo de Elio Gaspari em O Globo (fevereiro de 1998) relata a confirmação de suspeitas que estavam no ar há cinquenta anos. Os Estados Unidos tinham um plano para invadir o Nordeste caso Getúlio continuasse a protelar seu rompimento com o Eixo. Por sua vez o governo americano também vinha relutando em fornecer as armas prometidas ao Brasil, já que o general Marshall, Chefe do Estado-Maior, achava “que as armas poderão ser usadas contra nós”. As armas foram por fim fornecidas sob protestos de Dutra que as considerou insatisfatórias.

5 - Macuco no embornal: coisa certa, já ganha.

6 - Demandez auz aliés: pergunte aos aliados.

7 - Botina usada pelos soldados. Reiúna também era um tipo de espingarda ou fuzil.

8 - Goga: o mesmo que basófia. Contar vantagem.

9 - Em 1928 foi lançado no Rio o filme Casta Suzana, baseado na opereta do mesmo nome, de Jean Gilbert. É possível que a película tenha influenciado os autores no batismo da marchinha. A fenomenal mulata também pode ter sido apelidada em razão disso.

10 - Água de Vichy: água mineral da moda. A Perrier de ontem.

**FOLIA NA TELA**



Há algumas décadas o cinema era a mais acessível e popular diversão do brasileiro junto com o futebol. Os filmes nacionais, chamados pejorativamente chanchadas, hoje desagradados, atraíam multidões. No final dos anos 60 com a televisão já consolidada inicia-se o declínio. Salas fechando por falta de público. Após algum tempo, estonteada, a indústria reagiu de maneira “cecilbedemilliana” com a volta de produções suntuosas ou com parafernália de efeitos especiais e gosto duvidoso. O preço dos ingressos tornou-se proibitivo aos pobres e remediados. O carnaval reverenciou os ídolos e os filmes marcantes, focando-os em sambas e marchas.

Carmem Miranda gravou para o carnaval de 1935 “Mulatinho Bamba” de Ary Barroso e Kid Pepe:

*Por causa desse mulatinho  
Eu fico na janela o dia inteirinho  
Quando ele passa na calçada  
Parece o Clark Gable em “Acorrentada”.*

O ator estava em grande evidência por ter ganho o Oscar no ano anterior. Se projetaria mais ainda com “E o Vento Levou” em 1939. No carnaval de 51 o filme ainda era lembrado por Roberto Martins e Jorge Faraj (em uma de suas raras incursões carnavalescas) que prometem, não sei, se um agrado ou castigo:

*Amanhã é domingo eu vou  
Ao futebol ver o Fla-Flu  
Se o meu time ganhar você vai  
Ver “E o Vento Levou” num cinema de Bangú.*

Outro astro que estremecia corações era Tyronne Power. Foi tema de uma paródia de Angelo Delatre “As Fãs do Tyronne”:

*O famoso Tyronne  
Como todos os galãs  
Tem suas fãs, fãs, fãs  
E leva a vida inteira  
A esperar no divã  
A fã, a fã, a fã.*

A música acima é de 1939 mas êi-lo de volta em 1955 em “Tirone

Póver” uma engraçada crítica aos falsos galãs topetudos e suas dificuldades de pronúncia da dupla Klécio Caldas e Armando Cavalcanti. Citam a linda Ava Gardner, de quem Jean Cocteau disse ser “O mais belo animal sobre a face da terra”:

*O que há? O que há?  
Você pensando que é Tirone Póver  
Porém com essa cabeleira  
Você parece a Ava Gardinér.*

O escritor alemão Erich Maria Remarque ganhou renome internacional com seu livro antibelicista “Nada de Novo na Frente Ocidental”. O filme baseado na obra foi premiado pela Academia de Hollywood em 1930. França e Alemanha proibiram sua exibição. Com o mesmo título João de Barro e Alberto Ribeiro em 1938 lançaram na voz de Francisco Alves:

*Nada de novo na frente ocidental  
Na batalha de confeti  
Na Avenida Central  
Paz, paz e muita harmonia  
Na alegria do carnaval.*

No mesmo ano chega aos cinemas, com grande impacto, o drama “Anjos de Cara Suja” sobre a delinquência juvenil. O elenco era respeitável: James Cagney, Pat O’Brien, Humphrey Bogart. Haroldo Lobo e Milton Oliveira encontram um anjo não muito sóbrio em 1940 na marcha “Anjo de Cara Suja”:

*Ó Anjo de cara suja  
Faz um quatro aí que eu quero ver  
Você já está com olhar de coruja  
E disse a todo mundo que não gosta de beber.*

A partir de um argumento de Edgar Wallace, as platéias do mundo inteiro se arrepiaram com as estripulias do gigantesco gorila King Kong no filme de 1933. A fama do monstro embevecido pela mocinha se eternizou. Interessante é que sua imagem ficou muito mais associada à falta de atributos de beleza do que à sua periculosidade. “Você não é meu Tipo” de José Fernandes e Miguel Bauso de 1937 confirmava isso:

*Você foi lá no cinema*

*E quando a fita começou  
Com medo de você  
O King Kong desmaiou.*

Está ele lembrado por Osvaldo Mendes no carnaval de 1958:

*Apareceu ninguém sabe d'onde  
Parece um King Kong  
De tão feio ele é*

Greta Garbo, em 1941, aos 36 anos, enclausurou-se, abandonando o cinema. Hollywood quis pasteurizá-la impondo-lhe o medíocre filme “Duas Vezes Meu”, realizado pela Metro. Foi o maior fracasso. Não conseguiram *americanizá-la*. Em “Deus que te Ajude” Nássara e Castro Barbosa mandam, bastante presunçosos, uma candidata ao estrelato para a Capital do Cinema. Marcha de 37:

*Eu vou pegar depois o teu retrato  
Eu vou mandar para Hollywood  
Chegando lá vai ser um desacato  
Que Deus te ajude... Que Deus te ajude...  
A Greta Garbo vai ser abafada  
Incomodada ela que se mude  
E eu não posso desejar mais nada  
Que Deus te ajude... Que Deus te ajude...*

O romance de Vladimir Nobokov “Lolita” levado ao cinema teve inesquecível interpretação de James Mason. Nova cópia foi lançada em 1987 e também uma refilmagem atual que duvido se igualem ao original. Humberto Teixeira (ele mesmo, um dos lançadores do baião, já fez seu estágio carnavalesco) em parceria com Rildo Hora mostrou “Lolita” em 1973:

*Lolita tá... tá  
Só de te ver  
A gente entra em curtição  
Coisinha fofo que grilou meu coração  
Lolita mini-mulher bonita  
Que transa e não dá bola  
Pro dia de amanhã  
Me fez ficar lelé da cuca  
Qui nem gente maluca*

*Na base do divã.*

A ninfeta que seduziu o coroa não era brincadeira. Inspirou Chico Anísio a criar um quadro onde a impetuosa Lolita assustava o tímido Valentino. Bruno Marnet e Mário Lago compuseram a marchinha “Não sou de Nada”:

*Oh Lolita fique sossegada  
Eu sou criança, não sou de nada  
Não vem falando mole e fino  
Valentino, Valentino  
Não adianta seu derretimento  
Não põe cedilha no meu acanhamento.*

A trágica peça de Tennessee Williams “Gata em Teto de Zinco Quente” foi transposta para o cinema com maestria, resultando num belo filme com atuações destacadas de Paul Newman e Elizabeth Taylor. A obra foi filmada em 1958 mas a “gata” ainda ronronava em 1971, com João Roberto Kelly e Elzo Augusto. Mostram-se meio precavidos em “Cara de Gata”:

*Cara de gata, zoio de gata  
Vou me amarrar nesta mulata  
Eu não tenho teto de zinco  
Mas tomo cuidado com ela  
Com gata mulata não brinco  
Senão eu arranho na dela.*

Outra peça que levada ao cinema fez um sucesso estrondoso foi “A Gaiola das Loucas”. A hilariante história dos apuros por que passa um casal gay quando o filho hetero de um deles vai apresentá-lo aos futuros sogros e pede que salvem as aparências, resulta numa atuação magnífica de Ugo Tognazzi e Michel Serrault. Elymar Santos, R. Rocha e J. Maia curtiram:

*Que charme, como rebola  
Pega essa louca  
E bota dentro da gaiola  
Entre as mulheres ele causa sensação  
E tem grande família na televisão  
Mas na gaiola até as coisas melhorar  
Ele bota salto alto  
E desmunheca sem parar.*

Em 1942 o filme “Sempre no Meu Coração” provocou enormes debulhamentos. O tema musical gravado por Orlando Silva arrasou. Raul Marques e Otolindo Lopes foram na onda e convidaram “Iracema” em 1943 na voz de Jorge Veiga:

*Oh Iracema  
Logo vamos ao cinema  
Por sua causa  
Hoje não fui trabalhar  
Não quero perder  
A primeira sessão  
Vamos ver aquele filme  
“Sempre no meu coração”.*

Em 1946 Rita Hayworth surgiu esplendorosa em Gilda. O marketing do filme afirmava: “nunca houve mulher como Gilda”. Mário Lago e Erasmo Silva concordavam e criaram “Gilda”:

*Nunca houve mulher  
Igual a Gilda  
Oh Gilda meu bem, não me faça esperar  
Ela sai e esquece de voltar  
E quando volta  
Não dá confiança de se explicar.*

Sátira não podia faltar e ano seguinte Saint-Clair Sena e Oswaldo Santiago aproveitaram a repercussão para lançar o desmoralizante “Nunca Houve Rapaz Como Gildo”:

*Nunca houve rapaz como Gildo  
Nunca houve nem haverá  
Não tem vício, não joga, não fuma  
E quando tem que beber bebe guaraná  
Nunca houve rapaz como o Gildo  
Gildo bonito  
Tem mulheres assim atrás dele  
Mas o Gildo não quer confusão.*

“Em Cada Coração um Pecado” projetou Ronald Reagan no cinema. Apesar de ser considerado um canastrão a carreira o embasou para os vãos

políticos. Com esse título surgiu uma composição no carnaval de 1954. De Francisco Neto e Rosenberg:

*Fiz tudo para ver você feliz  
Sofri para não ver você sofrer  
Em cada coração há um pecado  
E assim, entre nós dois  
Está tudo acabado.*

Os machões patricios ficaram muito impressionados com “O Belo Antonio”, estrelado por Marcelo Maistroianni, que como o Gildo, apesar da boa pinta era meio devagar na hora das conquistas. Jorge Mascarenhas, Moacir Vieira e Luiz Januzzi, em 62, o descreviam:

*Ai, ai, ai, ai...  
Chegou o Belo Antonio  
É tão bonito  
Mas não é de matrimônio  
Tem cadilaque, anda bacana  
Só chega em casa de madrugada  
Com tudo isso a gente sabe  
Que o Antonio não é de nada!...*

Com mesmo título ainda em 62 Célio Ferreira e Nilo Barbosa:

*Belo Antonio entrou na arena  
Com fama de matador  
Mas quando viu o bicho  
Assustou-se e gritou olé  
Não sou de nada não senhor  
Senhor touro, não sou de nada não senhor  
Carmem soluçando falou:  
Belo Antonio você me enganou.*

O romance de Blasco Ibanez “Sangue e Areia” foi levado à tela em três versões. As mais famosas foram a primeira com Rodolfo Valentino e a de 1941 com Rita Hayworth e Tyronne Power. Contava a história de um toureiro balançando entre a esposa e a amante. A expressão eternizou-se. Sebastião Gomes e Nelson Teixeira assim intitulam sua composição para o carnaval de 1950:

*Eu vi um touro na Espanha  
Ai que touro, seu Peçanha  
Ai, ai, olá, quase fiquei louco  
Quando vi que a coisa era feia  
Dei um golpe de espada  
E só vi sangue e areia.*

Max Nunes e Laércio Alves, comportados, entram no clima do “Último Tango em Paris” no carnaval de 1972: (1)

*Adiós muchachos, companheiros  
Vou-me embora  
Com a minha portenha querida  
Vou dançar meu último tango  
Dar uma de Marlon Brando.*

“Eles são jovens, apaixonados e matam pessoas”. A frase publicitária é do filme “Bonnie & Clyde - Uma rajada de balas”. Denis Lobo e Benil Santos acertam na mosca nos festejos de 69:

*Bonnie , Claide  
Bandidos trinta anos atrás  
Eram pilantras demais  
Bonnie e sua boina preta  
Claide e sua costeleta  
Numa rajada de balas  
Viraram Chicago de pernas pro ar.*

O belo musical “Um violinista no telhado”, baseado numa peça da Broadway emocionou em 1971. No carnaval de 1973 lá estava o sempre atilado João Roberto Kelly e Raquel:

*Israel, Israel  
Uma canção, uma lágrima, Israel  
Um violinista no telhado  
Tocando a canção que vem do céu  
Meu sentimento, minha saudade  
Israel.*

O lendário Bandido da Luz Vermelha aterrorizava São Paulo na década de 60. Libertado em 97 o sociopata acabou assassinado. Suas peripécias

originaram um instigante e inovador filme de Rogério Sganzerla em 1968. O carnavalesco Conde dá-lhe uma dimensão nada aterradora:

*Eu faço tudo que me der na telha  
Eu sou o homem da luz vermelha  
O que eu quero é muitas mulheres  
Todas elas de bom coração  
E que me tragam buquês de rosas  
O resto não tem confusão.*

Apesar de ter sofrido tentativa de desmistificação em biografia recente, não resta dúvida que Walt Disney, foi, para todos nós, em certa época, um mago sem mácula. João Roberto Kelly o lembra em “A Viagem”, de 1969:

*Sonhei que eu navegava  
Sobre um mar de mel  
Eu era o capitão  
De um barco de papel  
Gamei pela viagem  
E nesta fantasia  
Até papai Walt Disney  
Com certeza viveria.*

De seus estúdios saiu uma série de filmes cujo protagonista era um irriquieto fusquinha. O primeiro em 1970 “Se meu Fusca Falasse” motivou duas músicas para o carnaval de 71. De João Roberto Kelly, Elzo Augusto e Leo Romano:

*Se meu fusca falasse  
E contasse  
Tim tim por timentim  
Alguém lá em casa bronqueava  
E tomava o fusquinha de mim  
É ou não é  
Se meu fusca falasse  
Eu ficava a pé.*

De Carlos Chembra e Pires Ribeiro:

*Ai se meu fusca falasse  
Eu não sei o que seria de você*



*Que está dando uma de boa  
Sem me reconhecer.*

O grande lacrimejamento de 1965 teve como desencadeador “Dr. Jivago” com Omar Sharif e Julie Christie. Carlos Moraes junto com Castelo assume em “Um instante Maestro, Pára” de 69 o roubo de trecho do bellissimo tema de Lara e como foram flagrados pelo inquisidor Flávio Cavalcanti: (2)

*Eu fui ao carnaval lá em Moscou  
Um frio de rachar  
Jivago então gritou  
Ô, ô, ô: música!  
E foi assim que meu corpo esquentou.  
Diz o Flávio Cavalcanti  
“Um instante maestro, pára  
“Que isso é plágio do tema de Lara.*

O erótico “O Bem Dotado Homem de Itu” não deu muito o que falar quando lançado em 1978. Mesmo assim o privilegiado varão foi lembrado na marcha de B. de Almeida, Muibo Curi e J. Batista em 1979:

*Lá vem, lá vem, o homem de Itu  
Lá vem, lá vem, cuidado com ele  
Que ele é doido pra chuchu  
Esse homem é uma parada  
Vira a cabeça da mulherada.*

Voltemos ao rol de astros da tela referendados no contexto carnavalesco. O *cult* Zé do Caixão foi lembrado por Rony Wanderley e B. Lobo em “Castelo dos Horrores”, em 1969:

*Eu moro no Castelo dos Horrores  
Não tenho medo de assombração  
Ô, ô, ô, eu sou o Zé do Caixão.*

A desabrida Leila Diniz serve de parâmetro para Carlos Cruz e Celso Teixeira em 1972:

*Se todo mundo apela  
Também apelo  
Leila Diniz apela*

*Também apelo.*

Cláudia Cardinale é convidada por Carlos Silva e Clemente Rodrigues em 66:

*Uma rosa para todos  
E um ramo para o meu bem  
Vem buscar a Cardinale  
Para brincar também  
Vem cá Cardinale, vem cá  
Vem ver o nosso carnaval  
Iê, iê, iê, iê  
É uma coisa louca, infernal.*

A sensual Gina Lollobrigida foi musa decantada, apesar de Brigitte Bardot estar sempre a modiscar-lhe os calcanhares. Garcia Santos e A. Macedo elegeram-na em 1964: (3)

*No carnaval passado Brigitte  
Você foi quem brilhou  
No carnaval presente Brigitte  
Quem vai brilhar é Lollô.  
Lollô, Lollobrigida  
Vem ver o carnaval  
Eu quero ver sua fantasia  
No salão do Municipal.*

J. Jr. e Oldemar Magalhães se mostram frustrados. Não lhes pertence a musa clonada das duas arrebatadores atrizes:

*De frente o cara da Lollô  
De costas o jeito da Bardô  
Faz da rua passarela  
Que pena não ser dono dela.*

Como o carioca é capaz de dizer **disgusting** até para a rainha da Inglaterra, tinha que aparecer alguém do contra. Foi a nacionalista dupla Vicente Longo e Valdemar Camargo em 65:

*Receita para o bom carnaval  
É a morena, produto nacional*

*Não é a Lollô nem a Bardô de Paris  
Vem morena que faz meu carnaval feliz.*

A empatia dos compositores brasileiros, foi, sem dúvida, com uma francesinha que o cinema lançou em 1956: Brigitte Bardot. Tornou-se a deusa moderna dos prazeres sonhados, galvanizando os homens e provocando muxoxo nas mulheres. O Brasil ficou em estado de graça por algumas deferências conosco. Andou passando temporada em Búzios, namorou um jogador de basquete do Flamengo, gravou “Maria Ninguém”. No carnaval brilhou sem concorrentes. Em 1959 já era entronizada na vitrine carnavalesca por Haroldo Lobo e Milton de Oliveira:

*Que bom que eu vou ser papai  
E papai vai ser vovô  
Se for homem  
Eu vou botar meu nome  
Se for mulher vai ser Brigitte Bardot.*

Outro “cobra”, Miguel Gustavo pergunta o óbvio em 1961:

*Brigitte Bardot, Bardot  
Brigitte, beijou, beijou  
Lá dentro do cinema todo mundo se afobou  
BB BB BB  
Por que será que todo mundo  
Olha tanto pra você?*

1963. Francisco Neto e José Roy estão dispostos a rastrear as andanças da musa:

*Cadê Brigitte, cadê Brigitte  
Onde Brigitte estiver eu vou  
Se Brigitte estiver em Roma  
Em Paris, Miami, Honolulu  
Quero Brigitte em Copacabana  
De biquini boa pra chuchu.*

Amado Regis e Rangel Silva lhe pespegam em 1964 uma roupagem pouco edificante:

*Você foi a mais graciosa*

*Do strip-tease (?) mundial  
Vem brincar comigo  
Brigitte, o nosso carnaval.*

Continua em evidência e comparece ao “Casamento do Roberto” como anunciam Elzo Augusto e Analídia, já em 1968:

*Roberto Carlos vai casar  
A Candinha me falou  
Que o padrinho vai ser o Chacrinha  
E a madrinha Brigitte Bardot.*

## ADEREÇOS

1 - O Último Tango teve carreira polêmica. Mesmo o diretor sendo o italiano Bernardo Bertolucci, o filme foi proibido em seu país e outros. Ainda foi condenado a dois meses de prisão. A igreja inquietou-se. No Brasil levou sete anos para ser liberado. Inconformado Bertolucci comentou: “Quando o filme for mostrado em festivais, daqui a vinte anos, pensarão que foi feito para ser exibido em uma escola de freiras”. A atriz Maria Schneider esnobou Marlon Brando numa entrevista. Falou do difícil convívio durante as filmagens e - suprema ousadia - tratando-se de um símbolo sexual, classificou-o de mal dotado. A obra foi rotulada de antifeminista e antiamericana. Jornalistas tacanhos assim se manifestaram por ser o personagem um americano violento e vulgar.

2 - O livro no qual se baseou o filme tem a autoria do poeta russo Boris Pasternak. Foi agraciado com o Prêmio Nobel em 1958 mas não foi permitido que o recebesse. Um editor italiano conseguiu os manuscritos e retirou-os clandestinamente em 1957. Na Rússia só foi publicado em 1988 e o filme exibido em 1994. Sofia Loren foi preterida para o papel de Lara por ser muito corpulenta, apesar do seu marido Carlo Ponti ser o produtor.

3 - O carisma de Lollobrígida já até salvou vidas. Em 1997 o então ministro da Defesa sírio, Mustafa Tlas fez uma revelação surpreendente. Os soldados italianos da força multinacional de paz, em missão no Líbano em 1983, foram poupados dos ataques a pedido seu “de forma que nenhuma lágrima surgisse nos olhos de Gina Lollobrígida”.

**FINAL DE BAILE**

O leitor atento chega ao final deste livro concluindo que da década de 70 em diante a música carnavalesca tradicional, composta por sambas e marchas caiu no esquecimento. Na minha opinião os últimos sucessos foram “Bandeira Branca” e “Primeiro Clarim”. Ah, sim, temos a “Maria Sapatão” criada pelo Chacrinha, que no entanto só chegou aos salões catapultada pela TV.

Deve ter notado também a falta do samba-enredo. A omissão foi proposital. Apesar de algumas obras marcantes no gênero nos últimos anos, houve visível comercialização em detrimento da qualidade. A venda antecipada da gravação dos sambas rende uma fortuna, assim como as cotas de televisionamento. Os compositores mais antigos se afastaram ou foram excluídos do que se tornou uma verdadeira guerra. Cada obra agora é uma colcha de retalhos com quatro, cinco, seis autores. Achei, portanto dispensável sua contribuição neste livro.

Voltando ao declínio concordo com Edigar de Alencar que o maior responsável é a falta de divulgação. Aí entra o rolo compressor dos sambas-enredo, monopolizando a mídia. O interessante é que denodados compositores das canções carnavalescas tradicionais continuaram compondo. Cito Pedro Caetano, João Roberto Kelly, Braguinha. É só consultar álbuns de melodias das sociedades arrecadoras que eles lá estão resistindo. Porém não são tocados. É claro que há outros fatores menos relevantes que contribuíram para o estiolamento. Já se falou que a retirada dos bondes arrefeceu o carnaval de rua. A estatização também funciona muito pouco, assim como o carnaval para turista. Acabaram com a espontaneidade. Nos blocos, corsos e gritos patrocinados os músicos e os foliões participam entediados.

Redutos até então intransponíveis da pureza carioca como as gafieiras promovem noitadas de reggae, funk, rap e outros ritmos alienígenas. Esclareço que não tenho nenhum compromisso com o passado, repudiando tanto o saudosismo melancólico como também o modernismo discricionário. Músicas pífiyas existiram ontem e existem hoje. Só acho que as mais bem elaboradas não estão tendo hoje vitrine, o que desestimula os bons autores. No meu otimismo tenho certeza de ver ressurgir um carnaval onde todos lucrem tanto financeiramente como em encantamento e beleza.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALENCAR, Edigar de - Nosso Sinhô do Samba. Editora Civilização Brasileira: Rio, 1968.

ALENCAR, Edigar de - O Carnaval Carioca através da Música. Livraria Francisco Alves Editora: Rio, 1979.

ARAÚJO, Lauro Gomes de - Roberto Martins, uma legenda da música popular. Fundação Ubaldino do Amaral, 1995.

AUGUSTO, Sérgio - Este mundo é um pandeiro. Companhia das Letras: Rio, 1989.

BLANCO, Billy - Tirando de letra. Record: Rio, 1996.

BARBALHO, Gracio - O popular em 78 rotações. Fundação José Augusto: Natal, 1982.

BRYNER, Lima - A verdade sobre a FEB. Civilização Brasileira: Rio, 1968.

CABRAL, Sérgio - No tempo de Ari Barroso. Lumiar Editora: Rio.

CABRAL, Sérgio - Elizeth Cardoso, uma vida. Lumiar Editora: Rio.

CAETANO, Pedro - Meio século de música popular brasileira. Sociedade Gráfica Vida Doméstica: Rio, 1984.

CALDA, Klécio - Pelas esquinas do Rio. Civilização: Rio, 1994.

CORREIA, Viriato - Terra de Santa Cruz. Tecnoprint Gráfica. Sd.

DIDIER, Carlos - Noel Rosa, uma biografia. Fundação Universidade de Brasília, 1990.

DAHS, Helmut - A Segunda Guerra Mundial. Bruguera, 1968.

Enciclopédia da Música Brasileira. Art Editora: São Paulo, 1977.



ENEIDA - História do carnaval carioca. Editora Civilização Brasileira: Rio, 1958.

FONSECA, Gondim da - A vida de José Bonifácio. Fulgor: São Paulo, 1963.

GRIECCO, Agripino - Disparates. Editora Conquista: Rio, 1968.

GUILLEMINAULT, Gilbert - La belle époque. Edition Denoel: Paris, 1958.

GRIMBERG, Carl - História Universal. Publicações Europa - América: Portugal, 1940.

JR., Abel Cardoso - Carmem Miranda. Edição do Autor, 1978.

LIRA, Marisa - Brasil sonoro. Editora A Noite. S/d.

MÁXIMO, João - Noel Rosa, uma biografia. Fundação Universidade de Brasília, 1990.

NORBERTO, Natalício - Herivelto Martins: Uma escola de samba. Ensaio Editora: Rio, 1992.

RIBEIRO, Maria de Lurdes Borges. Na trilha da independência. MEC: Rio, 1972.

RUIZ, Roberto - Aracy Cortes. Funarte, 1984.

SADOUL, Georges - História do cinema mundial. Martins Editora: São Paulo, 1963.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Feliz 1958. Editora Record: Rio/São Paulo, 1997.

SUSSEKIND, Flora - As revistas do ano. Nova Fronteira: Rio, 1986.

TINHORÃO, José Ramos - Música popular, teatro e cinema. Editora Vozes, 1972.

VALENÇA, Suetônio - Tra lá lá. Funarte, 1981.

VASCONCELOS, Ary - Panorama da música popular brasileira. Martins Editora: Rio, 1964.

VELOSO, Caetano - Verdade tropical. Companhia da Letras: São Paulo, 1997.

VERNILLAT, Franco - Dictionnaire de la chanson française. Larrouse: Paris, 1968.

VIEIRA, Jonas - Herivelto Martins: uma escola de samba. Ensaio: Rio, 1992.